

Comunicação: concurso
sem previsão de data

Página 5

TRÊS QUATRO

Jornal Laboratório Comunicação UFRGS Outubro 85



João Otávio Ness

Ação trabalhista leva
Caldas Jr. à falência

Página 11

O Estado sofre sua pior crise

Ana Luiza Freitas



Ceteiro do Brasil vive das glórias do passado. Pág. Central.

Inaugurada
delegacia
de mulheres

Página 8

Cinemas em
busca da
ampliação
de público

Página 10

A chegada do Halley

Página 12

Concursos trancados

No momento em que a falta de professores é o grande problema enfrentado pelo Departamento de Comunicação da Fabico, é difícil compreender quais são os motivos que ainda retardam a realização dos concursos para docentes na área de Jornalismo. Principalmente quando se sabe que as provas para professor titular poderiam ter acontecido a partir de dezembro de 1983 e para auxiliar de ensino, em janeiro de 85.

As explicações para o atraso são muitas. De um lado, os representantes da Pró-Reitoria de Graduação culpam o Departamento, que ao não conseguir compor as bancas examinadoras, tem impedido a homologação dos concursos. De outro, está o próprio Departamento que se justifica apontando uma série de problemas enfrentados na indicação das bancas e que levanta o caráter excessivamente burocrático da organização dos concursos públicos.

Como se pode observar, as explicações nem sempre coincidem, o que, se não revela uma falta de comunicação entre a Reitoria e a Unidade, demonstra que ambas as partes não querem assumir a responsabilidade pelo atraso. No entanto, restam algumas questões duvidosas que precisam ser explicitadas. Primeiro, são estranhos os problemas que surgiram na composição da banca examinadora do concurso para titular. Nesses dois anos, já foram indicadas três comissões, sendo

que nenhuma foi instituída: a primeira foi dissolvida devido a renúncia de seu chefe. Em substituição foi indicado um professor que por problemas de saúde não pode participar. Finalmente foi escolhido um outro, que se recusou a integrar a banca por não entender de Jornalismo. Nesse mesmo concurso estão inscritos apenas dois candidatos, sendo que um deles, o antigo chefe do Departamento, na época integrava o Colegiado que é o responsável pela indicação da banca.

O que se pode dizer de todo processo é que no mínimo ocorreram coincidências muito curiosas. Enquanto isso, no concurso para auxiliar, os 61 candidatos continuam numa espera indeterminada, até serem resolvidas as questões jurídicas ainda pendentes. Isso ocorre justamente quando se pensava que as coisas estavam começando a mudar na Universidade. Mas infelizmente, mais uma vez fica registrado que a incompetência e a morosidade ainda estão enraizadas no dia-a-dia universitário. E como sempre sobram os alunos que, afastados das instâncias decisórias e desconhecendo os pormenores do problema, continuam a sofrer com as improvisações e as deficiências, resultantes da fragilidade do quadro de professores da Fabico. Das duas uma: ou os responsáveis pela administração da UFRGS assumem as questões que são de sua competência ou então nunca teremos uma nova Universidade.



Triste fim

Desde junho de 1984, a comunidade gaúcha vinha sendo bombardeada com os seguintes "slogans": "Correio do Povo Já" e "Correio do Povo Sempre!". A partir do dia 30 de setembro último, porém, a tendência é o desaparecimento de ambos. A decretação da falência da Empresa Jornalística Caldas Júnior põe fim a um período marcado pela indefinição e pela manutenção de uma esperança utópica, qual seja, a volta do velho periódico.

Foi mais um golpe (provavelmente o de misericórdia) sofrido pelos funcionários da empresa, que arcam com as consequências de uma administração incompetente e irresponsável. Como se não bastasse os atrasos que já vinham ocorrendo, a decretação da falência antes da virada do trimestre reduz em 40% os créditos trabalhistas.

No que se refere ao jornalismo, é de se lamentar o desaparecimento definitivo do Correio do Povo. Afinal, durante quase um século ele foi o maior representante da imprensa gaúcha. É verdade que ainda poderá surgir um novo jornal aproveitando o tradicional título, só que agora, vinculado a outra empresa e com uma filosofia diferente.

O jornalismo porto-alegrense, desta forma se encaminha para um monopólio, visto que a recuperação do "Correio" era a opção mais viável para o surgimento de um concorrente de fato para a Zero Hora. O Jornal do Comércio, embora buscando um público maior, continua sendo um jornal dirigido a uma faixa específica da população. Com isto os leitores continuam sem a possibilidade de confrontar as informações a partir de enfoques diferentes.

O mais triste, porém, é que durante mais de um ano se ouviram palavras demagógicas com soluções mirabolantes. Como era previsível, nada ocorreu e a Justiça foi quem encaminhou a solução do caso, melancolicamente.

Rebarbas

■ Em busca da cultura: atraídos pela riqueza do acervo da nossa biblioteca, os alunos da Fabico vem procurando uma intimidade cada vez maior com os livros. Ao que parece, esta paixão não consegue se restringir ao espaço físico da faculdade, de forma que um grupo cada vez maior de estudantes decide levar os livros para casa, onde, se espera, viverão felizes para sempre.

■ Algo que tem chamado a atenção é a postura consciente e crítica que os calouros vêm mantendo em relação à Fabico. Eles têm se mantido distantes tanto do deslumbramento quanto do desânimo que costumam atacar os recém-chegados à Universidade. Pelo contrário, vêm permanentemente buscando soluções para seus problemas.

■ Em uma atitude que lembra as melhores tradições da Velha República, a direção da Fabico mandou arrancar cartazes que haviam sido afixados pelos calouros nos corredores da faculdade. Realmente, há pessoas na diretoria da Fabico que não possuem a mínima intimidade com o processo de comunicação.

■ Os alunos das cadeiras de televisão vem sofrendo com a falta de horários para gravações externas. O período das aulas é insuficiente para todos os grupos realizarem seus trabalhos e, como foi contratado apenas um monitor para as três cadeiras da área, não existem outros horários para os quais se possa apelar. Não há nenhuma possibilidade de se gravar à noite por exemplo, o que limita em muito a criatividade dos programas. Por falar nisso, quando é que vão comprar equipamentos para colocar no estúdio?

■ Saudamos a chegada do "RETRANCA", boletim elaborado pelos estudantes da cadeira de Redação Jornalística II. O boletim, que sai de vez em quando, vem abordando assuntos extremamente palpitantes e complexos. O último número foi sobre o Jogo de Bocha e para breve se espera uma sensacional cobertura do Campeonato Estadual de Taco. É a imprensa hiper-nânica chegando na Fabico.

■ A Faculdade está armando um grande time para o ano que vem. Estão sendo contratados professores das Universidades de Santa Maria e Juiz de Fora. O mais importante, no entanto, é a volta do professor Carlos Alberto Carvalho, que encerrará sua licença de um ano. Os alunos esperam ansiosamente o retorno do "Rouxinol da Fabico".

■ Vem suscitando protestos a forma arbitrária e antidemocrática como foi marcada a data da formatura da turma da Comunicação. Ignorando dezenas de opiniões em contrário, a cerimônia foi marcada para o Salão de Atos da Reitoria, dia 14 de dezembro às 10 horas. Após a entrega dos diplomas deverá ser realizado um suculento mocotó no Parque da Harmonia. O traje indicado é bermudas, com os homens tendo a opção de irem sem camisa.

■ Devido à repercussão que a rebarba anterior teve, mesmo antes da circulação do jornal, a data da formatura e o local foram trocados. A solenidade agora está marcada para o dia 20 de dezembro às 20 horas no auditório da Faculdade de Economia. Tudo pode mudar novamente, é claro, mas desde já os apreciadores de mocotó se mostram desolados.

■ O professor Bláscio Hickmann se recusou a ser fotografado para o 3x4. Os leitores agradecerão.

TRES QUATRO

Jornal-laboratório dos alunos do oitavo semestre do Curso de Jornalismo Gráfico e Audiovisual da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Segunda edição do segundo semestre de 1985, elaborada pelas turmas das disciplinas de Produção e Difusão de Jornalismo Gráfico e Projeto Experimental 5, sob a coordenação dos professores Anibal Bendati, Pedro Maciel e Sérgio Caparelli. Participam desta edição: Airton Seligman, Alvaro Augusto de F.

Almeida, Ana Cláudia Fossi Casimiro, Anália Maria Alves Barth, Angelo Luiz Poletto Mendes, Ania Chala, Carl Regina Lemos Rodrigues, Carla Maria Zen, Carmen Lucia Ferreira da Silva, Célia Regina Canani, Cláudia Turella, Dagoberto José Bordin, Geni Dornelles Valenti, Gustavo Krieger Barreiro, José Alberto Santos de Andrade, Karla Camargo da Silva, Karla Maria Muller, Liège Schilling Copstein, Luís Carlos Carpin, Márcia de Walliau, Marta Gleich e Andréa Ribeiro (Textos); Abnel de

Souza Lima Filho, Airton, Alvaro Ana, Anália, Carmen, Cláudia, Fátima Bortot e Karla (diagramação); Alvaro, Ana Luiza Freitas, João Otávio Ness, Sílvia Fontoura e Wallace Lehmann (fotografias); Adão Roza (ilustrações).

Chefe de Departamento de Comunicação: Vera Ferreira.

Diretora da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação: Lourdes Gregol Fagundes.

Rua Jacinto Gomes, 540 — Porto Alegre — RS.

Infecção hospitalar

Uma grave ameaça para os pacientes

Debate sobre a infecção muda a saúde no País: profissionais brasileiros discutem com estrangeiros e valorizam a medicina preventiva

A infecção hospitalar é um mal que está matando cerca de 60 mil pessoas por ano nos hospitais brasileiros. Este fato tornou-se notório perante a opinião pública, e, em âmbito hospitalar, vem mobilizando instituições de grande porte, com o Hospital de Clínicas de Porto Alegre, no sentido de treinar seu pessoal e ativar os sistemas internos de controle da infecção.

Uma enfermidade infecciosa é resultante da multiplicação de microorganismos no corpo humano. E um hospital, no plano ideal, deveria ser totalmente sanitizado, porém, atende pacientes com infecção, quer esta seja ou não o motivo da internação.

Para quem trabalha na área, o ambiente hospitalar é propício à infecção porque hospeda pessoas de faixas etárias extremas, como velhos e crianças, e também indivíduos que foram submetidos a intervenções ou recebem medicação que reduz as condições de defesa do organismo.

Paulo Portich, 34 anos, médico do trabalho e estudioso do assunto, afirma que pesquisas recentes constataram que o índice de infecção hospitalar assemelha-se àquele presente nos demais ambientes da comunidade. Segundo ele, três fatores favorecem o desenvolvimento de qualquer processo infeccioso: um organismo virulento, um indivíduo susceptível e as vias de transmissão do organismo.

COMISSÃO DE CONTROLE

Considerando esta problemática, em 1973, o Ministério da Saúde baixou uma portaria determinando que os hospitais deveriam instituir uma comissão para controlar a infecção hospitalar. No Hospital de Clínicas esta comissão existe desde esta data e é formada por 11 membros, sendo dois deles executivos — um médico e um enfermeiro.

Heloísa Hoefel, 27 anos, é a enfermeira executiva do Hospital de Clínicas. Segundo ela, a atuação desta comissão se intensificou nos últimos cinco anos, e, por ser de um hospital-escola, encontra-se entre as melhores de Porto Alegre.

Acupuntura: cura sem dor

Cada vez mais, nos últimos anos, as pessoas vêm evitando o uso de remédios químicos adotados pela farmacologia da medicina tradicional. Isto porque é grande o número de contra-indicações que estes medicamentos trazem consigo. Assim, com a procura de formas alternativas de medicação, aumentou o espaço para métodos naturais de controle de doenças e a acupuntura, principalmente, ganhou força pela rapidez de resultados que consegue apresentar.

De origem oriental, a acupuntura é uma ciência muito antiga que se fundamenta nas energias do corpo. Este tem doze meridianos, sendo seis Yang — positivos — e seis Yin — negativos. Cada meridiano tem 360 pontos que correspondem às áreas do organismo humano. A força Yang, tonificante e excitante, contrasta com a Yin, moderadora e calmante. Num indivíduo sadio, as duas forças estão equilibradas. Através do estímulo da força carente, ou da redução da força superabundante, se consegue a cura da doença. Para isso são utilizadas agulhas de aço inoxidável que são introduzidas nestes pontos específicos do corpo por onde correm as energias Yang e Yin.

Paul Lien Chih Chao, doutor em medicina e médico acupunturista diz que, ainda que um tratamento

seja longo, os resultados da melhora são sentidos logo após as primeiras aplicações. As picadas com as agulhas não doem, não sangram, e a penetração delas deverá ser maior ou menor dependendo da massa física do paciente.

AS APLICAÇÕES

A maioria das doenças pode ser tratada pela acupuntura, desde uma amigdalite até mesmo úlcera do duodeno ou infecção de ovários. Há casos, como fibroma no útero, que apesar de ter cura, tem um tratamento tão demorado que o próprio Chao aconselha a cirurgia. Já para problemas de ossos, que não têm cura, as agulhas ajudam a suavizar a dor. E este é o maior motivo de procura da acupuntura: tirar a dor, principalmente dores da coluna.

Esta terapia também tem aplicação estética como o emagrecimento, ou no caso de pessoas velhas, quando os nervos faciais perdem a elasticidade. Introduzindo agulhas nos pontos locais destes nervos, suas funções vão reativar e, com dez aplicações em cinco semanas, já se poderá notar o rejuvenescimento. A duração do tratamento varia de acordo com a idade do paciente. No emagrecimento é utilizada a auriculoterapia, ou seja, pequenas agulhas cravadas na orelha em pontos que tiram a an-

O trabalho desenvolvido compreende uma atualização constante, mais o controle e a vigilância. Através de mecanismos de controle, são detectados picos em determinadas áreas que exigem atuação e atitudes, principalmente de esterilização, desinfecção e isolamento, enquanto a vigilância se responsabiliza pela coleta de dados e o processamento das informações importantes.

Para Heloísa, esta é uma "tarefa de educação constante, com muitas reuniões e orientações individuais e ou coletivas", e acrescenta: "há uma proposição da equipe no sentido de incluir nos currículos dos cursos de medicina e enfermagem uma disciplina de controle de infecção hospitalar".

Recentemente foi realizado, no Hospital de Clínicas, um seminário com o professor Frank Engley Jr., presidente da Comissão Americana de Saúde Pública e Medicina Preventiva, que tem procurado aperfeiçoar, em hospitais de todo o mundo, a atuação das comissões internas de controle de infecção como uma forma efetiva de diminuir a incidência de doenças contraídas nos próprios corredores e salas hospitalares.

O professor Engley vê o problema sob dois enfoques: um quanto às formas de propagação e outro referente às medidas de controle. Ressalta a importância da lavagem constante das mãos, da desinfecção e da esterilização do equipamento, bem como dos cuidados com o trato respiratório, o trato intestinal e a flora da pele.

Além de salientar o custo que representa a internação prolongada em virtude de uma infecção, o especialista americano mostrou as estatísticas da situação em seu país e afirmou que os microorganismos encontrados em hospitais são, geralmente, mais resistentes que aqueles encontrados em infecções comunitárias.

Geni Dorneles Valenti

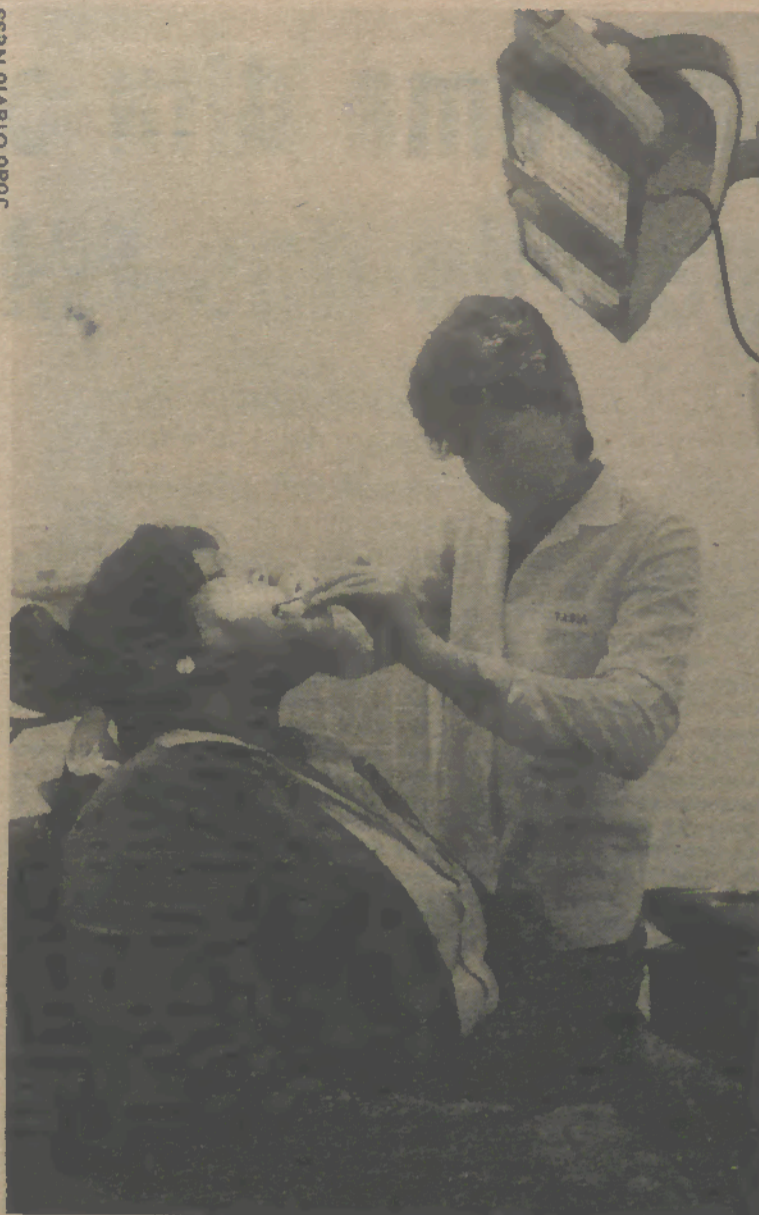
stiedade da pessoa. Uma vez perdida a ansiedade a pessoa deixará de comer por compulsão e, com uma alimentação adequada, tenderá a emagrecer.

São três as contra-indicações da acupuntura: durante a gravidez, introdução de agulhas em tumores e em pacientes portadores de marca-passo cardíaco. Mas, com a síndrome de imunodeficiência adquirida, AIDS, solta por aí, as pessoas andam assustadas e começa a existir mais esta preocupação com a possibilidade de contágio.

Além da promiscuidade sexual e da transfusão de sangue, a agulha contaminada é uma das formas de transmissão da doença. A oncologista e médica acupunturista Theres Furtado tranquiliza explicando que "a AIDS é uma doença viral e o vírus, que é um parasita intracelular, não consegue sobreviver fora da célula. Além disso, mesmo que uma agulha seja introduzida em um paciente suspeito, se submetida a um método adequado de esterilização, é impossível que ela contamine com o vírus outro paciente. Os métodos mais utilizados para a esterilização são a estufa, que é o calor seco, por 60 minutos a 160°C, e a pasteurização, que é a mudança brusca de temperatura.

Celia Regina Canani

João Otávio Ness



Atendimento para todos no Hospital de Clínicas

Funcionários da Ufrgs agora têm dentista grátis

Para complementar o programa de saúde que beneficia os servidores da Universidade, iniciado em janeiro deste ano, o Projeto de Assistência ao Servidor cria, agora, o serviço odontológico gratuito, também extensivo aos dependentes de servidores e aos servidores já aposentados. Até o final do ano pretende-se que os professores também sejam atingidos por este programa.

Desde o dia 6 de agosto, cinco dentistas trabalham exclusivamente para os servidores, no Hospital de Clínicas. Este serviço, porém, não consegue atender à demanda. "Em 30 dias, houve uma procura de 700 clientes", registra o professor Ivan Dall'Ignea, coordenador do Projeto Especial de Assistência ao Servidor. O atendimento odontológico compreende exame geral, tratamento de doenças da gengiva, tratamento de canal, obturações, extrações, odontopediatria e radiologia.

"Inicialmente visamos atender aos servidores de mais baixa renda: um número por volta de 3.400. Até o final do ano, pretendemos atender também ao corpo docente (mais de 2.500 professores) da Ufrgs", declara o professor Ivan, chefe da proibição, pela Universidade, de contratar novos profissionais.

"Não houve uma reivindicação explícita dos funcionários; a iniciativa foi da própria administração", frisa o relações-públicas e publicitário Clayton Crancio — diretor administrativo do projeto.

Atualmente são atendidas onze pessoas por dia. Elas não pagam absolutamente nada e, para marcar a consulta, basta retirar a autorização de atendimento junto ao

Setor de Marcação de Consultas do Projeto Especial de Assistência ao Servidor, no térreo da Reitoria, no horário das 9 às 11 e das 14 às 16 horas, levando a carteira social.

"Eu utilizo o Hospital da PUC", fala Iracy Konrath, de dentro do guichê número 9 do Decordil. "Fiz uma triagem na Ufrgs, mas muita coisa necessária ao meu tratamento não poderia ser feita, disseram. Então prefiro consultar num só local". Iracy também não utiliza o serviço médico do Hospital de Clínicas. "Na PUC a gente paga bem pouco, é conforme a renda, e lá tem tudo o que eu quero".

Quanto ao atendimento médico, mais de 1.000 pessoas são atendidas mensalmente nas especialidades de Medicina Interna, Ginecologia, Oftalmologia, Pediatria, Otorrino e Ortopedia. Os dez médicos que o Projeto mantém à disposição dos funcionários também encaminham a outras especializações, daí no processo normal de atendimento do Hospital de Clínicas à comunidade.

Maria da Graça Camargo, também servidora pública, utiliza este serviço até mais de uma vez por mês. Sua consulta odontológica, porém, marcada no final de agosto, é para o dia 4 de outubro.

As bibliotecárias do Campus Central, que receberam uma correspondência individual — como todos os servidores — dizendo da modalidade de prestação de serviços pela Universidade, acham que muita coisa mudou, na nova administração, para melhor. Sabem que poderão ser internadas, caso necessitem (óbvio), de forma semiprivativa e que têm desconto de 30% para atendimento privativo no Hospital de Clínicas.

Dagoberto Bordin

Ipanema dita o padrão das FMs

Em pouco tempo, a rádio impôs seu estilo, subiu na audiência e influenciou as concorrentes.

A explosão do rock em todo o País, refletida no acúmulo de shows nestes meses, trouxe ao centro da cena uma emissora FM única em seu estilo, e que está influenciando suas companheiras de espectro, amedrontadas com o crescimento de seu sucesso. A "rádio FM, 94,9, a rádio que só põe coisa boa na roda", como afirma um de seus slogans, começou a galgar os degraus da audiência em cima de uma programação totalmente própria, "que não se guia por modismos, por imposição do sucesso, que não é repetitiva", segundo Mauro Borba, apresentador do horário da tarde da emissora.

Para ele, "a Ipanema teve uma influência decisiva no padrão do rádio FM gaúcho, porque seu estilo passou a influenciar as outras rádios, que estão mudando em função da Ipanema, assustadas com o nosso crescimento". Os exemplos desta influência podem ser tirados a qualquer momento nas programações das demais rádios, que passaram a tocar músicas antes só veiculadas pela Ipanema. "Elas não trabalhavam com o desconhecido, só com aquilo que tinha mercado certo, aceitação garantida, e a Ipanema começou a fazer o contrário, começou a tocar tudo o que não tinha estrutura, sempre ligada ao novo, desde o cara tocando violão sozinho no estúdio até as novas bandas de Brasília", afirma Mauro Borba.

Para o apresentador, as rádios estão copiando algumas características da Ipanema, "mas é impossível copiar de alguém tudo o que esse alguém faz; é muito difícil fazer outra Ipanema em Porto Alegre, podem fazer até melhor, mas será uma outra rádio". Mauro acredita que diante deste novo quadro, onde todas as emissoras voltam-se para o mesmo espaço, a rádio deve permanecer coerente com a sua proposta inicial, "sempre antenada para as coisas boas, novas, com energia, que estão pintando".

SUCESSO

O comprometimento com o novo e a qualidade pode ser considerado o traço divisor entre a Ipanema e as outras rádios FM gaúchas, e que determinou o sucesso de audiência da emissora, atualmente em terceiro lugar nas pesquisas do Ibope. Em termos visuais, este sucesso ficou evidente quando da realização do show do grupo balano Camisa de Vênus, promovido pela rádio no mês de maio, que resultou na lotação do Gigantinho.

Nesta disputa pelo público, segundo Mauro, "tudo o que as rádios hoje podem copiar da Ipanema, ela já fez dois anos atrás, e a gente já está começando a colocar outra coisa no ar, que eles vão copiar, talvez, daqui a um ano". Dentro deste espírito, a rádio costuma apresentar slogans provocativos,

como "Ipanema, a rádio que lançou os Replicantes" ou "a que larga na frente".

O surgimento e o crescimento da emissora deve-se à ocupação de uma lacuna dentro das programações das FMs gaúchas. Mauro Borba conta que "a maior influência seguida foi a vontade de fazer uma rádio como é a Ipanema, a gente sentia falta de algo; eu, particularmente, não ouvia rádio, não gostava das rádios que existiam".

Mauro acredita que este fenômeno de afirmação da Ipanema deve-se à imposição da rádio e à assimilação por parte do público. A emissora conseguiu apresentar algo mais abrangente do que o trabalho inicial, realizado quando ainda se chamava Bandeirantes FM. "A gente se modificou um pouco, é claro, mas a cidade se modificou muito e passou a aceitar mais aquilo que nós fazíamos", explicou.

Beneficiada ou catalizando a ex-

plosão do rock no País, a Ipanema, que desde os tempos de Bandeirantes dava atenção à esta tendência, voltou-se primordialmente para ele. Mauro Borba afirma que a programação da rádio "segue muito a tendência das pessoas, porque ela sofre esta influência; nós fazemos a rádio para as pessoas". A predominância do rock se dá em função da exigência dos ouvintes, que se faz sentir pelo telefone, incessantemente utilizado para o pedido de músicas. Contudo, o apresentador observa que a rádio nunca é só rock; a gente procura apenas adequar o tipo de música ao horário; nas sextas e sábados, a rádio fica bem mais roqueira".

RÁDIO DA MODA

Na estelra do rock, e sob a influência da Ipanema, Porto Alegre transformou-se em um centro produtor, com o surgimento de uma lista interminável de bandas. O outrora decantado monopólio cultu-

ral do eixo Rio-São Paulo parece não se concretizar no panorama do rock brasileiro. Borba exemplifica dizendo: "o Camisa surge em Salvador e vem a Porto Alegre fazer sucesso porque nós, em Porto Alegre, não estamos parados, estamos transando uma rádio superatualizada com todas as tendências do mundo; nós não estamos aqui pra receber coisas de Rio e São Paulo, pelo contrário, hoje, Porto Alegre está na hora de exportar as coisas de qualidade que tem aqui".

A Ipanema FM é responsável pelo lançamento e divulgação da quase totalidade dos grupos gaúchos, demonstrando o aspecto inovador e vanguardista da rádio. Para Mauro Borba, "a gente tem a liberdade de tocar as coisas novas que aparecem, sem restrição; não precisamos esperar que a moda seja feita para a gente ir atrás; nós fazemos a moda; fazemos a moda e, também, já saímos da moda, partindo para outra, porque temos independência para isso".

Alvaro Augusto de F. Almeida



Alvaro Augusto de F. Almeida

Show do Camisa: Gigantinho lotado e a visualização do sucesso.

Glória, voz, de Oliveira

O coração musical do Rio Grande do Sul está batendo a mil com os novos valores artísticos que vem entrando em cena com a cara e a coragem. Gente que não pretende ser servil a outra atividade se não à arte de cantar. Como Glória de Oliveira, que em três anos de carreira já revelou muita garra e ousadia na batalha para tornar conhecidas sua voz grave e "performance" de palco.

No momento em que Jânio Quadros, a 25 de agosto de 1961, renunciava à presidência da República, nascia Maria da Glória de Oliveira, no Rio de Janeiro. Filha de pai economista, frequentemente transferido, a menina Glória conheceu muito do Brasil antes de aportar em Porto Alegre no ano de 1971. Em cada região do país, o entendimento da importância da música dentro da realidade de uma população. Mas nem por isto imaginava que um dia viria a se tornar cantora.

Morando no centro da capital gaúcha, em meio ao barulho da movimentação comercial, Glória queria muito mais do que apenas alfabetizar crianças numa escola estadual. Subir ao palco era imprescindível. Não o palco do entendimento de conceitos filosóficos. Enquanto estudante do curso de Filosofia da Ufrgs, ela decidia entrar a fundo na arte de representar. "Fazendo Filosofia sentia muito o mal de ficar sentada, queria colocar energia para fora", diz Glória.

Para dispendar tal energia, em 1980 a moça inicia sua carreira cênica. Em "O Rei da Vela" e "Marat Sade", Glória descobre a maneira certa de, segundo ela, "estar na pele de todo mundo para compreender as pessoas e as coisas." Nestas peças musicais ela emposta a voz para soltar energia melodiosamente e daí em diante decide lutar por um lugar no coração musical gaúcho.

como intérprete começa a tomar forma. Ainda no mesmo ano faz seu primeiro show individual no Projeto Unimúsica da UFRGS. Vai

Ana Luiza Freitas



para Montevideu com a peça "Marat Sade" e retorna à Porto Alegre para estreitar o espetáculo "Sina Verde-Amarela".

Para Glória a magia que envolve um profissional no momento de cantar, de se comunicar com o público, é algo inexplicável. Pois este momento, que ela traduz como místico, impõe-se como vivência primordial, "acima de todas as coisas, uma obsessão". Junto com Elaine Geissler, Luciana Costa e outras cantoras, Glória de Oliveira ressuscitou no cenário gaúcho o movimento de tornar conhecidos compositores daqui, interpretando suas músicas. Nos festivais regionais em que participa, ela constan-

temente classifica as músicas que canta, obtendo o primeiro lugar como intérprete.

Para tanto, Juarez Fonseca, crítico musical do jornal Zero Hora, diz o seguinte a respeito da trajetória artística da cantora: "neste pouco tempo de carreira, a Glória conseguiu mostrar várias coisas que indicam uma cantora que tem tudo para ser um acontecimento nacional: canta muito bem, tem uma boa presença de palco, muito bom gosto para selecionar repertório, e a base do trabalho dela é feita em torno de músicas dos gaúchos."

Após ganhar a Vindima de Flores da Cunha do ano passado, com a música "Neste Momento", do compositor Sérgio Napp, Glória estreou em agosto o show de mesmo nome. Segundo ela, "Neste Momento" reflete sua necessidade de encontrar novas formas de cantar, ampliar repertório e partir para

lugares onde as chances são maiores. "Reggae", baladas, "jazz" e "blues" são estilos musicais que interpreta no show, caracterizado pelos jogos de luz e movimentos cênicos. Ela preocupa-se em mostrar ao público muito mais do que somente voz.

Para Sérgio Napp, a preocupação de Glória para com o público é, ao mesmo tempo, uma "procura de músicas que se adaptem a ela, nas quais possa colocar a sua personalidade e maneira de ser, sem se tornar um relógio de repetição."

Para qualquer cantor gaúcho mostrar trabalho — e talento — em seu próprio estado tem que participar de Festivais, ou empreender esforços na tentativa de montar shows. Entretanto, os fins podem não justificar os meios quando não consegue patrocínio para colocar o espetáculo em cartaz. Glória define o processo de mostrar trabalho ao público como duro: "o resultado final é cheio de luz e brilho, mas até chegar aí as dificuldades são enormes, ou a gente decide se vencer por elas, ou segue em frente."

Glória de Oliveira segue em frente, batalhando para que "Neste Momento" retorne aos teatros gaúchos. Pois como diz a música "Trem das Sete", "eu cheguei no trem das sete, que mistura óleo e poesia..."

Anália Barth



SHOWS

Em 1983, Glória é convidada pelo músico Giba Giba a participar de um show que estava montando, junto com Tonco — que viria a ser seu parceiro mais tarde —, chamado "Salas Rodando". A carreira



Burocracia atrasa concursos na UFRGS

Dois anos de atraso e ainda não existe previsão de datas para os concursos na Comunicação.

Os concursos de professores para a área de jornalismo tiveram suas listas homologadas em dezembro de 1983. A partir dessa data poderiam ter sido instituídas as bancas e realizadas as provas. No entanto, por uma série de problemas referentes às comissões examinadoras e a recursos legais, os concursos para professor titular e auxiliar ainda não tiveram suas datas definidas.

"O que nos parece é que em ambos os casos houve negligência do Departamento — o maior interesse — que ainda não indicou as comissões examinadoras dos dois concursos. Sem a constituição dessas bancas é impossível a realização das provas". A afirmação é de Márcia Arrienti Ferreira, coordenadora do Setor de Seleção e Concursos Docentes da Pró-Reitoria de Graduação da UFRGS. Segundo ela, no caso do concurso para titular, o Departamento de Comunicação só veio a apresentar uma banca em janeiro de 85, ou seja, com mais de um ano de atraso. Além disso, essa comissão — composta pelos professores Antônio Firmo Gonzales, Roberto Átila Vieira e Rubem Oliven — não foi confirmada e até agora não foi constituída nova banca.

"É claro que o concurso para professor titular traz uma série de dificuldades no momento de constituição da banca. São necessários três professores titulares ligados à área: dois de fora da Universidade e um vinculado à UFRGS. É difícil

fixar datas, as pessoas nem sempre estão disponíveis. Mas nesse caso, se sabe extra-oficialmente que os dois candidatos à vaga de titular (Blásio Hickmann e Martha Alves D'Azevedo) não chegaram a um acordo quanto aos integrantes da Comissão Examinadora", explica Márcia.

Blásio Hickmann, chefe do Departamento nesse período e candidato a titular, alega que o problema enfrentado para estabelecer a Comissão Examinadora existe porque a área de Comunicação não tem professores titulares em exercício, o que obrigou o Departamento a recorrer a docentes já

aposentados. No final de 83, assegura ele, foi formada a primeira comissão (nomeada em janeiro de 84), no entanto houve a desistência de um dos integrantes. Uma outra banca foi apresentada em janeiro de 85, mas o professor titular se afastou por problemas de saúde. Depois disso, só havia mais um titular ligado ao Departamento, mas ele não foi aceito por decisão do Colegiado.

"O problema reside num Departamento novo e pequeno, que não tem titulares em exercício", afirma Blásio, explicando que a única alternativa que restou foi partir para os professores de áreas afins, o que na época causou uma série de dificuldades.

Vera Ferreira, atual chefe do Departamento de Comunicação, justifica que a nova banca ainda não foi constituída, porque não existe uma desistência formal do professor Rubem Oliven, o que tem impedido qualquer tipo de ação.

Ana Luiza Freitas



Vera Ferreira

QUESTÕES JURÍDICAS

Com 61 candidatos disputando três vagas, o concurso para auxiliar de ensino encontra-se num impasse ainda maior. Segundo Márcia Arrienti, além de não ter sido indicada a Comissão Examinadora, surgiram a partir de agosto impedimentos legais que impossibilitam a realização das provas. O candidato Antônio Hohlfeldt, que teve a sua inscrição negada pelo Conselho da Universidade, impetrou um mandado de citação contra a UFRGS. Apesar de lecionar no Curso de Comunicação da PUC (mais especificamente no pós-graduação em Redação Jornalística), Hohlfeldt não foi aceito pelo COCEP (Conselho de Coordenação



Currículos dos 61 candidatos a auxiliar

do Ensino e da Pesquisa) por não ter formação na área de Jornalismo.

Ainda sobre essa questão, Blásio Hickmann diz que o Departamento não foi negligente: "Mandamos para a Reitoria a nominata no ano passado. Eles não designaram a Banca Examinadora. A alegação foi que existiam recursos pendentes. O Departamento não podia fa-

zer mais nada; somente aguardar a homologação do concurso".

Enquanto as discussões e impasses continuam, o curso continua com problemas no quadro docente e fica cada vez mais caracterizado o caráter excessivamente burocrático e desestimulador dos concursos públicos.

Cláudia Turela

Livros na Kombi: leitura nas vilas de Porto Alegre

Quem cruzar com uma Kombi velha, caindo aos pedaços, talvez nem imagine que ali vai uma biblioteca ambulante que percorre semanalmente as vilas da periferia de Porto Alegre, fornecendo livros infanto-juvenis às crianças. É o chamado carro-biblioteca, um projeto da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS, que tem como responsável a bibliotecária Lourdes Arabian Zehlaoui.

Lourdes, que é professora do Estado, cedida à Universidade para coordenar esta atividade, conta que o Rio Grande é pioneiro neste trabalho, entre as escolas de Biblioteconomia do País. O projeto iniciou em 1973, através de um convênio da UFRGS com o Instituto Nacional do Livro (INL). "O INL doou a Kombi, que foi adaptada com estantes onde fica o acervo", explica Lourdes. Atualmente o INL dá uma cota de livros por ano, e cabe à UFRGS a manutenção do carro e a realização do trabalho em si, pagando bolsas de trabalho aos estudantes. Cada dia da semana, o carro-biblioteca percorre uma determinada vila. Pára perto de uma escola, igreja ou centro comunitário e empresta livros e gibis para os interessados. Lourdes fala que a maioria dos leitores são crianças de sete a 14 anos e para retirarem os livros precisam somente apresentar a conta de luz e dar o nome da escola onde estudam.

Esse sistema de biblioteca tem alguns problemas: o primeiro é a própria Kombi, que é velha, tem buracos e estraga seguidamente. Quando chove, a água entra no carro causando danos a livros, existindo também o perigo de atolar, já que o acesso às vilas é precário. O outro problema se refere às devoluções dos livros. Lourdes conta que ocorrem muitas perdas, ou porque as famílias se mudam de uma vila para outra (o que ocorre frequentemente) ou porque a

criança perde ou estraga o livro e fica com medo de voltar. Por isso o procedimento está sendo modificado, e os livros estão sendo deixados dentro das escolas, diminuindo o número de perdas e o risco da Kombi não chegar ao local. Paralelo a isso, são organizadas outras atividades com as crianças, como recreação, dramatizações e teatro de fantoches, a fim de que o hábito de ler seja associado a algo agradável.

Assistência à Itapuã

Um outro projeto, mais completo, de assistência a comunidades está sendo realizado em Itapuã, vilarejo que fica a 60 quilômetros de Porto Alegre. Itapuã ainda não recebe jornais diários, muitos moradores não têm luz elétrica e somente no ano passado é que foi construído um posto médico no local. A vila possui quatro escolas, todas elas com um único professor para as quatro primeiras séries, sendo que a escolaridade do professor é de I Grau Incompleto.

Há quatro anos a UFRGS participa deste projeto levando estudantes de Medicina, Veterinária e Biblioteconomia para atuarem junto a essa população. "Nós, da Biblioteconomia, começamos o trabalho dentro das escolas, montando bibliotecas e participando de atividades recreativas e educacionais com as crianças, mas com a intenção de estender a assistência à toda comunidade", diz Lourdes. "E os efeitos já podem ser notados", continua ela. "As crianças aumentaram seu vocabulário, melhoraram o convívio social, os pais vêm até nós querendo aprender coisas que lhes interessam. Com o tempo pretendemos aumentar o número de Kombis, atender também os idosos, sem, contudo, deixar de pensar na criança", conclui.

Andrés Ribeiro

No Prédio da Comunicação uma história de Engenharia

Alguém poderia imaginar que um depósito de material, um açougue, um supermercado e as instalações de pesadas maquinarias fizessem parte do prédio onde formasse gloriosos e aventureiros profissionais da imprensa? Pois foi exatamente assim que aconteceu com o prédio da Faculdade de Comunicação Social e Biblioteconomia da UFRGS.

Construído entre 1960 e 64, o prédio da FABICO foi idealizado para receber as instalações da cada vez mais requisitada Gráfica da Universidade, criada em 1952, no prédio da antiga biblioteca da Escola de Engenharia. Nesta época o parque gráfico tinha cinco máquinas. Já em 1960 pensava-se num grande parque gráfico com sua divisão de material agregada e uma grande demanda da nova Universidade que se expandia.

Construído o andar térreo, o que primeiro ocupou as novas instalações não foi propriamente uma gráfica, mas a Cooperativa de Consumo dos Integrantes da UFRGS Ltda, com seu açougue, hortigranjeiros e produtos de armazém.

A segunda surpresa, até hoje não muito explicada, foi o local escolhido para instalar o parque gráfico. Pesadas maquinarias metálicas como linótipos, impressoras tipográficas foram "levitadas" para o segundo andar do prédio, em 1962, em detrimento de algumas bancas de sabonete e caixas de fósforos.

ESTRUTURA

Segundo o Diretor de Obras da época, Egydio Hervé, que ocupava o cargo que corresponde hoje ao de

Pró-Reitor de Administração e Planejamento, o prédio "foi criado para a Diretoria de Materiais e para a gráfica, que era muito atuante". Até 1966 os terceiro e quarto andares foram ocupados pela divisão de material. Estes andares só foram preenchidos pelo Curso de Jornalismo em 1970, quando então fazia parte da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, que funcionava no campus central. Segundo Hegydio Hervé, a transposição do curso de Jornalismo para o "prédio da Gráfica, como era chamado, foi providencial pois pensava-se numa relação entre um e outro.

Da mesma maneira, foi criada em 1972 a Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação Social, além de um departamento do curso de Psicologia que ainda funciona no quinto andar, sem que ninguém entenda o motivo de sua implantação no prédio.

Em seguida foi criado o bar da Faculdade, onde hoje é o Carro-Biblioteca. Segundo a professora Frida Besler o bar acabou fechando "por que vendia muita porcaria". E prossegue: "Eu mesma levei à direção uma empada mofada". Apenas em 1980 o bar foi reaberto.

PILARES

Ainda hoje são visíveis as seqüelas de tamanha babel. Nas laterais da maioria das salas de aulas, os pilares proporcionam abrigo para os alunos displicentes e torcidos para os mais interessados, que são obrigados a atuarem como contorcionistas para enxergar o quadro negro.

Airton Seligman

Reportagem:
José Alberto Andrade e
Gustavo Krieger Barreiro
Fotos: Ana Luíza Freitas

CRISE DO ESTADO

A crise gaúcha reflete um processo

O Rio Grande do Sul vive hoje uma das piores crises de sua história, motivada pela falência do modelo agrário, pela perda de espaço no cenário político nacional e como consequência das grandes dificuldades por que vem passando o País. Há quatro anos a economia do Estado não experimenta um crescimento real. O "celeiro do Brasil" está na iminência de importar carne do exterior e a produção de alimentos se mantém constante há 10 anos, ao contrário da população, que cresce anualmente. No entanto, há sinais de uma recuperação da economia gaúcha nos últimos meses. Alguns analistas já prevêem um crescimento do Produto Interno Bruto estadual entre 3 e 5% neste ano. É uma boa notícia, mas que não elimina algumas contradições fundamentais, como o péssimo desempenho do setor primário que deve ter um crescimento de -2,4% em 1985.

A violenta crise por que passa o Rio Grande do Sul tem profundas razões históricas, ligadas ao processo de formação de sua indústria e ao desenvolvimento do setor agropecuário. Mesmo no século passado, já se desenhavam as condições que conduziriam à deterioração da economia gaúcha e à perda de força política no cenário nacional. Nos últimos anos, a situação se agravou com a adoção de um modelo econômico, por parte do Governo Federal, que não se adequava às características do nosso Estado.

Para a professora de história da UFRGS, Sandra Pesavento, o Rio Grande nunca conseguiu tomar a frente da economia brasileira, ficando sempre subordinado a um pólo dinâmico que, embora variasse geograficamente, jamais se situou no Estado. A produção gaúcha — basicamente composta por gêneros de subsistência — sempre dependeu da demanda do resto do País e dos preços dos mercados internacionais. Numa primeira fase, até a década de 40, a agropecuária, aliada a uma in-

dústria bem adaptada às condições locais, permitia à economia rio-grandense manter uma certa organicidade e auto-suficiência.

Nesta época, de acordo com a professora, houve um reordenamento nas prioridades econômicas do País, com o início da implantação da indústria pesada e de bens de consumo duráveis. O Governo Federal deu toda a espécie de incentivos para que esta indústria se instalasse no centro do País, mais precisamente em São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais. Com isto, o Rio Grande do Sul ficou tecnologicamente defasado.

DECADÊNCIA POLÍTICA

A perda de espaço na economia reflete uma queda na importância política do Estado ao longo de sua história. Nos séculos XVIII e XIX, o Rio Grande possuía grande importância estratégica, devido às questões de fronteiras que envolviam o Brasil e os demais países do cone-sul. Esta importância era utilizada como poder de barganha pelos chefes políticos locais. A chamada "paz honrosa" da Re-

volução Farrroupilha foi um exemplo de uso deste poder.

No início do século XX, durante a Velha República, o Estado ainda mantinha influência junto ao poder central, agora no poder monolítico que o republicano Rio-grandense — PRR — A bancada gaúcha no Congresso Nacional — bastante forte e votava unida, aliada aos "caciques" do partido. O Rio Grande não aspirava à Presidência, mas a execução da política de "leite com leite", executada por paulistas. Em troca, os gaúchos obtinham autonomia decisória e favores econômicos estaduais.

Com a ascensão de Getúlio Vargas, por paradoxal que pareça, o declínio da força política do Estado. Este período coincidiu com grandes mudanças na estrutura econômica nacional, em favor dos interesses poderosos do capital es-

Produção não cresce

O Rio Grande do Sul era conhecido como o "celeiro do Brasil" devido ao seu alto desempenho no setor primário. A própria imagem do gaúcho era de um homem ligado ao campo que como atividade principal tinha a agropecuária. Hoje, porém, este conceito precisa ser revisto, pois a agropecuária já não representa mais a principal atividade econômica do Estado, sendo sobrepujada pela indústria.

A situação do setor primário rio-grandense é grave. No ano passado, seu crescimento foi negativo na ordem de 2,4% e para este ano se espera um resultado semelhante. Os produtores apontam as altas taxas de juros cobradas no mercado e o alto preço dos insumos como responsáveis pela queda na produção estadual. Na verdade, não há uma queda em números absolutos. O Estado hoje produz a mesma quantidade de grãos que produzia há 10

anos, o rebanho também conserva o mesmo número de cabeças aproximadamente e o abate é da ordem de 10%, também estável.

Contudo, o crescimento demográfico é progressivo de ano para ano, fazendo os números estáveis da produção de alimentos significarem um declínio. À medida que a população cresce e a quantidade de alimentos produzidos continua a mesma, existe a tendência a um colapso no abastecimento.

Analisando as condições atuais do setor primário gaúcho, se vê que o Estado ainda é o maior produtor nacional de soja, de arroz, de lã e tem o mais qualificado rebanho bovino do País. Estes dados, entretanto, não vêm a significar que o Rio Grande seja um Estado muito mais avançado que os outros nas atividades agrárias.

INCENTIVOS FISCAIS

Atualmente, Estados como o do Mato Grosso, Paraná, Mato Grosso do Sul, etc. atingiram nível semelhante de desenvolvimento no setor agropecuário ao do, outrora líder, Rio Grande do Sul. A explicação para este fenômeno, segundo Ari Marimon, presidente da Federação dos Agricultores do Rio Grande do Sul — Farsul — é que o Governo Federal, há alguns anos, deu incentivos fiscais para o desenvolvimento das atividades primárias nestas regiões. Estes incentivos, na forma de isenção de impostos e facilidades na obtenção de capital não foram dados aos produtores gaúchos que, com isto, não tiveram condições de se aprimorarem tecnologicamente.

O Presidente da Farsul afirma que atualmente está proibitivo investir na produção. Ele usa como exemplo o preço da carne que subiu em um ano 160%, enquanto que a inflação subiu 240%. Reconhece, ainda, que o consumidor não tem condições de pagar o preço atual do produto; por outro lado, o produtor não está vendendo por um valor suficiente. Assim, conforme Ari Marimon, está acontecendo com praticamente todos os produtos agrícolas que também são vítimas dos mais variados tipos de tributos que vêm a onerar o custo final.

A solução que os produtores apontam é a criação de uma política agrícola que venha a organizar as condições para a produção, determinando preços, crédito no mercado financeiro, controle quantitativo e qualitativo dos produtos, etc. Com isto, será possível ao agricultor ou ao pecuarista um planejamento prévio dentro da sua atividade. O Presidente da Farsul vê a criação desta nova política agrícola como a única alternativa para solucionar os problemas do setor primário do Estado e do País.

Estagnação

"Há quatro anos, a economia do Rio Grande do Sul não tem um crescimento real", afirma o jornalista e político Políbio Braga, que esboça que a situação financeira gaúcha é negativa no conjunto do País. Isto tem se refletido na perda de importância do Estado no cenário econômico nacional.

Em 1981 a "evolução" do Produto Interno Bruto rio-grandense foi de -0,84%, queda chegou a -6,28% e em 83 o crescimento foi de +0,4%, ainda inferior ao crescimento do País, que chegou a 1,54%. Isto, portanto, apresenta um crescimento da renda per capita gaúcha. Políbio adverte que estes dados não devem ser tomados como uma vitória, pois o PIB nacional teve uma variação de 4,3%.

Para o jornalista, existem várias razões para a atual crise estadual, sendo que algumas são relativas à própria formação histórica da economia gaúcha. As atividades produtivas do Rio Grande do Sul sempre dependeram diretamente do setor agropecuário e da indústria, quando aqui se instalou para o beneficiamento de gêneros primários, muitas vezes em função de uma necessidade ou para atender a uma demanda externa para indústria do país.

Neste período, a situação do Rio Grande do Sul não é equilibrada. Em 1907, por exemplo, o Rio Grande contribuía com 14,9% da produção nacional, participação comparável com São Paulo — na época era de 16,5% —, afirma, no entanto, que "mesmo assim, o Rio Grande não pôde se desenvolver porque viria a separar a economia do resto do País". Segundo ele, o processo de desenvolvimento do Rio Grande do Sul se desenvolveu mediante o setor primário, adquirindo um dinamismo que a indústria paulista não tinha. Outro fator foi a melhor aplicação dos recursos obtidos pelos paulistas ao capital obtido das exportações agrícolas, permitindo um desenvolvimento tecnológico. Hoje a situação gaúcha na riqueza nacional é muito pior, enquanto a de São Paulo é de 55,6%.

REFLEXOS DA REVOLUÇÃO

De acordo com o jornalista, a crise do Rio Grande do Sul reflete a crise de todos os Estados. A economia dos últimos governos. A economia seguiu sendo voltada para o abastecimento do interno, com ênfase à produção de alimentos. Para ele: "Com a revolução de 1964, houve uma mudança de prioridades, visando um superávit na balança comercial, e a captação de recursos para o pagamento da dívida externa. Isto f-



O caso Sulbrasileiro (hoje Meridional) foi o clímax da crise financeira

Processo histórico

um exemplo claro do

, durante a República mantinha uma grande der central, baseada lico que o Partido Re — PRR — detinha. Congresso Nacional era unida, atendendo às do partido. O Rio Presidência da Repú- no à política do "café por paulistas e mineiros obtinham uma cer- e favores para a eco-

etúlio Vargas ao po- areça, começou a de- o Estado. E que este grandes mudanças na cional, envolvendo in- capital estrangeiro e

mação econômica

onomia do Rio Gran- crescimento real". A alista e economista arece que a evolução gaúcha é menor que a o tem se refletido com do Estado no panora-

do Produto Interno de -0,84%. Em 82 a em 83 calu 3%. No PIB tenha demonstra- +0,4%, o resultado scimento demográfi- isto, portanto, não re- o da renda per capita que estes resultados obtidos pelo resto do xemplo, que em 84 o variação positiva de

em várias razões pa- l, sendo que algumas ação histórica da eco- dades produtivas do pre dependeram pri- gropecuário. Mesmo l se instalou, era vol- to de gêneros de pri- para a produção de ústria do centro do

ação do Estado era por exemplo, o Rio 14,9% da riqueza na- mparável com a de era de 16,5%. Políbio "mesmo naquele mo- alguns sinais do fosso nomia dos dois esta- cesso de industriali- voiveu mais indepen- adquirindo, com isto, ústria sulina não pos- elhor aplicação dada al obtido com as ex- mtindo um maior de- co. Hoje a participa- cional é de 7,3% en- de 55,6%.

REVOLUÇÃO

alista, a crise se agra- ômica adotada pelos omia seguia um mo- stecimento do merca- produção de alimen- evolução de 64, foi im- riorização das expor- rávit na balança co- recursos para o pa- na. Isto fez o elzo da

das classes ricas que emergiam principal- mente em São Paulo.

APEGO AO PODER

Desta maneira, a influência gaúcha junto ao Governo Federal se diluiu consideravel- mente. Economicamente perdeu-se terreno tanto na pecuária como no setor industrial. Conforme Sandra Pesavento, "a maneira en- contrada pelos políticos do Estado para com- pensar a perda do poder de barganha foi de- mostrar um apego e um servilismo extremo ao poder constituído". Assim, o Rio Grande do Sul vai perdendo a característica contesta- tória e independente que sempre marcou sua história.

A professora ainda aponta como responsá- vel pela situação a má atuação das últimas administrações estaduais. No entanto, afirma que elas são apenas uma peça num processo que vem se desenvolvendo ao longo dos anos e que como resultado mostra um Estado pro- fundamente endividado, descapitalizado e com um custo de vida altíssimo.

produção no Estado se deslocar para o soja, que passou a dominar o panorama agrícola do Rio Grande".

Se este fenômeno gerou uma prosperidade inicial, também foi o responsável por uma sé- rie de dificuldades posteriores. Com isto, o Rio Grande do Sul foi o último estado a sofrer os efeitos da recessão, contudo, está sendo o último a colher os frutos da retomada do de- senvolvimento que o País vem demonstrando.

Dentro das críticas que faz à política econô- mica da Velha República, Políbio diz que as altas taxas de juros que vêm sendo pratica- das pelo mercado financeiro tendem a des- viar o capital das atividades produtivas para a especulação. Ele denuncia o fato de que os empresários têm lucros maiores aplicando no open do que nas próprias empresas. "Hoje, vale mais ser agiota do que investir na produ- ção", conclui.

SITUAÇÃO CATASTRÓFICA

Políbio Braga lembra que os primeiros si- nais do agravamento da crise vieram no ano passado com o fechamento dos jornais da Cal- das Júnior. A desagregação da economia gaú- cha teve seu ponto culminante quando das in- tervenções no Sulbrasleiro e Habitasul em fe- vereiro último.

Todos estes acontecimentos fariam com que se configurasse uma "situação catastrófi- ca" no primeiro semestre, inclusive com uma "corrida aos bancos" que deixou em sérias dificuldades o próprio Banrisul. Somando-se a este quadro houve a crise na administração pública, com problemas para atender até a folha de pagamento e enfrentando o movi- mento dos professores estaduais. A arrecada- ção do ICM — responsável por 99% da renda do Estado — desceu a níveis muito baixos nos primeiros meses do ano.

A partir do mês de junho, no entanto, a ar- recadação sofreu uma elevação significativa, indicando uma tendência à recuperação. Esta tendência é confirmada por Políbio, que acre- dita que neste ano a economia gaúcha deve crescer de 3 a 5%. A previsão é fundamentada nos bons resultados obtidos, já no primeiro se- mestre pelo comércio e pela indústria. Ape- sar disto, o setor primário deve apresentar ainda um desempenho negativo em torno de 2,5%.

O jornalista espera também que o estado se beneficie da alteração da política econômica pregada pelo Ministro da Fazenda, Dílson Fu- nario, principalmente no que diz respeito aos cortes nas taxas de juros e numa retomada na precupação com o abastecimento do merca- do interno.



Comemorações tarroupilhas: a demonstração de uma pujança fictícia

Secretário do Trabalho pede reforma tributária

A reforma tributária é hoje uma reivindicação pratica- mente unânime do Estado. Pa- ra o Secretário do Trabalho e Ação Social, Deputado Alceu Martins, a questão dos impos- tos é o principal problema por que passa a administração pú- blica gaúcha. Ele defende me- didas urgentes neste campo que tragam uma maior descen- tralização, beneficiando prin- cipalmente os municípios que em sua opinião são os quem têm sofrido mais com a atual legislação.

O Secretário critica prin- cipalmente a emenda constitu- cional de 1969 que estabeleceu a isenção de impostos para to- dos os produtos exportados. Esta Lei se aplica não só para os tributos federais, mas tam-

bém sobre os de competência dos Estados e municípios. O Rio Grande do Sul, que possui uma economia predominantemente voltada para o mercado externo, tem sido extrema- mente prejudicado. Só neste ano a isenção desses impostos dá um prejuízo de 1,3 trilhões de cruzeiros ao Estado.

Alceu Martins reconhece o direito da União de legislar so- bre o assunto, porém pede mais respeito aos Estados. Ele acredita que somente uma re- forma tributária efetiva pode- ria normalizar a situação fi- nanceira do governo, pois o ICM representa 99% da renda pública gaúcha. Mas enquanto isto não for possível apóia qual- quer iniciativa que leve o Go- verno Federal a restituir às

unidades da federação uma parcela do que lhes é tirado pe- las isenções.

Projetando uma futura legis- lação sobre o assunto, o Secre- tário defendeu a adoção de leis que protejam primordialmente os municípios, pois, em sua opinião, eles representam "a forma de governo mais concre- ta, mais próxima do contri- buinte e que têm melhores con- dições de reaplicar estes recur- sos".

Alceu Martins ressalta que o Rio Grande do Sul possui enor- mes possibilidades, além de grandes recursos naturais, e que deve superar suas dificul- dades, através de um trabalho político consciente e de uma política econômica adaptada às peculiaridades do Estado.

Mulheres já têm Posto Policial

Desde 26 de setembro último, as gaúchas contam com um órgão oficial onde podem denunciar todo tipo de violência e agressão praticado contra mulheres.

"O Posto Policial para a Mulher é um órgão que está sendo criado, aqui em Porto Alegre, para atender, exclusivamente, à mulher vítima". A afirmação é de Helena Santos de Souza, Inspetora de Polícia, 45 anos, formada em Direito pela Faculdade Ritter dos Reis, de Canoas, e desde a semana passada chefe do Posto policial para a mulher. Para ela, o Posto facilitará, por exemplo, a denúncia de vítimas de estupro, que se sentiram constrangidas em relatar tal fato numa delegacia conduzida por homens.

O Posto funcionará 24 horas por dia, sempre em regime de plantão permanente, na Rua dos Andradas, 1789. Terá setores de investigação, cartório e seção de expediente, e atenderá denúncias de lesões corporais, estupro, furto e outros. De acordo com a Inspetora Helena, as 25 funcionárias do Posto foram submetidas a um treinamento específico e uma reciclagem com psicólogos e integrantes do Comitê Pró-mulher, que reivindica a formação de uma Delegacia para a Defesa da Mulher.

"Para haver uma delegacia, deveríamos ter, também, uma titular para este cargo", diz Helena Santos. "Mas, como não contamos, ainda, com uma delegada aqui em Porto Alegre, foi criado o Posto, que pode ser atendido por escrivãs ou inspetoras. "Muitas mulheres têm tentado aprovação nos concursos para delegado, mas acabam superadas pelos homens, na maioria dos casos na prova de resistência física, de caráter eliminatório.

Para Ana Lucia Barietta, presidente da União de Mulheres de Porto Alegre, a criação do Posto Policial é um avanço na luta das mulheres. "Porém", diz ela, "a nossa reivindicação maior é a criação de uma delegacia feminina, que é um órgão maior, com mais abrangência".

Compreensivelmente, nenhuma mulher

que tenha sido surrada ou violentada sexualmente gosta de relatar o fato, principalmente se tiver que fazê-lo para um homem. "É por isso que uma série de delitos cometidos por homens muitas vezes ficam impunes", afirma a Inspetora Helena. "No Posto Policial, a mulher terá mais liberdade para chegar e contar o que está acontecendo e, assim, o seu agressor será punido de acordo com a lei".

Outro fato comum, segundo Helena Santos, é o da mulher não comparecer à delegacia para relatar uma agressão, por pensar que, mais tarde, poderá sofrer represálias. Para isso, o Posto contará com a presença de uma socióloga que além de prestar assistência, vai orientar a mulher a respeito de seus direitos.

Inicialmente, as ocorrências serão dirigidas ao Posto Policial. A vítima deverá declarar o que lhe aconteceu e, depois fará seu depoimento. O processo será encaminhado ao titular da Primeira Delegacia de Polícia, a quem o Posto está subordinado, que tomará as providências necessárias para o seu andamento.

De acordo com Helena, até agora só tem recebido manifestações a favor da criação do Posto, tanto em sua residência, na forma de telefonemas e fonogramas, como dentro da própria Polícia. Desde diretores até funcionários, todos se mostraram solidários com esta nova experiência do Posto Policial.

"A mulher deve ser tratada com carinho, com amor, com respeito", afirma a chefe do Posto. E isto tem que acontecer dentro da sua própria casa, no meio onde ela convive. Por isso, temos que combater todo e qualquer tipo de violência contra a mulher, seja dentro ou fora do núcleo familiar; fazer com que a mulher seja tratada como ser humano, com muito respeito.

Márcia de Wallau

Stívio Fontoura



O Posto Policial tem como sede o número 1789, na Rua dos Andradas, e sua chefe é a inspetora Helena Santos



Adaptar: opção para o setor econômico

O economista Cláudio Accurso, diretor do Centro de Estudo e Pesquisas Econômicas, posicionou-se sobre a economia na Nova República. Para ele, não é possível entender a atual situação financeira do país sem pesquisar suas causas históricas.

"O Brasil é um campo de caça com cento e vinte milhões de patos". Depois de trezentos anos de jugo imperialista português e mais 150 de uma independência relativa, o país ainda não tem "uma cara própria". O costume de deixar que suas principais decisões administrativas sejam tomadas ou influenciadas por outros interesses teria nos tornado um país sem contornos, um aglomerado humano onde elites de variadas procedências alternam-se no poder. O racismo e os preconceitos sociais em geral indicam uma falta de objetivo comum entre a população, que é observada também nos países de todo o terceiro mundo.

METRÓPOLE INTERNA

Assim como nos países de população indígena é observado um regime semelhante ao de castas, dividindo as classes, o mesmo acontece no Brasil. Tanto as elites intelectuais como econômicas têm uma realidade completamente distanciada da maioria do povo, a quem não é dado poder de decisão. Segundo Accurso, "é preciso parar com essa mania de ser uma metrópole dentro do nosso próprio país, porque os antigos imperialistas tinham no mínimo um oceano a separá-los das colônias, e nós temos, quando muito, algumas ruas entre nós e a imensa maioria carente dos brasileiros". Enquanto não houver uma comunhão de interesses nacional, não será dado nenhum passo na busca de uma solução coletiva para o problema econômico. "Se a gente não tomar consciência disso, esse país corre o risco de ser dividido, val ter um Brasil do Sul, um Brasil do Norte; deixa de ser uma nação".

Para o diretor do CEPE, ainda é muito cedo para analisar com segurança o desempenho dos dirigentes da Nova República. Ela ainda é uma proposta, algo muito incipiente, e é preciso dar tempo ao tempo. É verdade que os economistas que estão auxiliando o presidente Sarney como Maria da Conceição Tavares e Celso Furtado são da mais alta confiabilidade. Accurso acredita principalmente na retomada dos direitos de decisão dos indivíduos, e acha que o economista deve ter sempre em mente que o homem é o objetivo de toda realização humana, por mais científica e racional que ela seja. "Quando o fator humano é colocado em segundo plano, quando o homem vem atrás nas prioridades de qualquer projeto, esse projeto não está a serviço da civilização, e sim do capital."

CAPITALISMO

O Capitalismo pode representar uma alternativa tão válida para o Brasil como qualquer outra ideologia. O que interessa é a correta manipulação dos recursos nacionais. Mas têm-se criado tamanhas expectativas com relação à mudança de regime, que a simples menção de uma reforma agrária, por exemplo, é o bastante para alvoraçar toda uma categoria da população, que teme uma socialização radical dos recursos.

Cláudio Accurso acredita numa profunda inovação que pode vir de duas maneiras: ou pela opção radical e violenta — o famoso passo histórico já dado por algumas nações na direção de uma alteração completa de regime — ou pela lenta e gradual busca de uma identidade brasileira, de um sistema adequado à nossa realidade que sirva da melhor maneira os vários segmentos da população. Ele prefere, é claro, a última alternativa.

Liège Copstein

Vida difícil do estudante-convênio

O estudante estrangeiro que chega ao Brasil encontra um povo muito acolhedor, mas a burocracia de leis dificulta sua permanência aqui. São jovens que deixam sua pátria por falta de oportunidades devido a dificuldades econômicas por que passam seus países. Geralmente vindos de nações latino-americanas, principalmente Bolívia e Uruguai, procuram áreas técnicas como as engenharias e a medicina, visando aperfeiçoamento nestas áreas que não encontrariam em seus países de origem.

"Vim para o Brasil há cinco anos, época em que a Bolívia passava por uma fase muito conturbada econômica e politicamente", declara Pablo Alberto Camdiá, boliviano, 25 anos e estudante de Engenharia Elétrica na Ufrgs. A situação precária do País de origem é a alegação mais comum entre as pessoas que decidem deixar sua pátria e vir para o Brasil. Segundo Suzana Graciela de Cladera, uruguaia, casada com um uruguaio, morando há sete anos no Brasil, "O estrangeiro que sai de seu país é impellido a isso por não ter mais condições de viver nele".

Mas existem estrangeiros vindos de países desenvolvidos que vêm ao Brasil por motivo de trabalho. Alfred Jaegger, americano, vive atualmente em Montreal, Canadá, é professor na área de administração e veio ao Brasil pela primeira vez em 1974. Ficando três meses em São Paulo, voltou depois mais duas vezes para ministrar cursos e aperfeiçoar pesquisas. Agora se encontra em Porto Alegre desde agosto deste ano trabalhando junto à Pós-Graduação de Administração da Ufrgs. Ele diz que "Quando cheguei pela primeira vez, em 74, o País estava em pleno milagre econômico e na minha área pude sentir bem isso, pelos projetos gigantescos e pela economia de otimismo. Hoje o quadro é outro, faltam recursos para projetos e as pessoas se queixam da situação".

"Adotar o Brasil como segunda pátria é praticamente impossível pois a naturalização é um processo demorado", diz Marga Mendizabac, 24 anos, boliviana, há cinco anos no Brasil, cursa Comunicação Social na Ufrgs. Suzana de Cladera também estudante de Comunicação da Ufrgs concorda que o processo de permanência do estrangeiro no Brasil é lento e caro. Principalmente porque sem esta documentação, que leva de um a dois anos para ficar pronta, não podem trabalhar.

A lei que regulamenta a permanência do estrangeiro é muito contraditória. Permite, por exemplo, que pai de filho brasileiro permaneça aqui porque dele provém o sustento da família, só que o mesmo não pode trabalhar enquanto não tiver toda a documentação em ordem. "Como o mercado de trabalho está escasso para os brasileiros, o estrangeiro é visto como um concorrente indesejável", diz Suzana de Cladera.

Na opinião de Marga Mendizabac, o maior problema que o estudante estrangeiro encontra ao chegar no Brasil é a barreira da língua, além da mudança de hábitos e a necessidade de aculturação. Com o passar do tempo isto é superado e segundo Pablo Candia "A maioria de nós adota o Brasil como uma segunda pátria por ser um país acolhedor e um povo muito afetivo". Marga acrescenta ainda que "se apaixonar pelo Brasil é fácil e muitos estudantes acabam ficando definitivamente por aqui pelas chances de se desenvolver profissionalmente". Já Suzana Cladera constituiu sua família aqui. Ela tem um filho de seis anos que nasceu no Brasil e agora, decidida a ficar, prepara seus documentos de naturalização. Assim, terá alguns direitos de cidadã, mas nem todos pois os estrangeiros no Brasil contam com uma legislação rígida em seu percalço.

Carla Maria Zen

As Comunidades Eclesiais de Base discutem com a população funcionamento da máquina do poder e formas de participação.

O poder debatido pelo povo e Igreja



Susana Peres

As Comunidades Eclesiais de Base — CEBs estão ampliando suas atividades em Porto Alegre com a Pastoral Operária. Na Vila Nova este trabalho começou a se desenvolver ainda neste ano com o apoio do padre Agostinho Betu: "Significa a Igreja junto aos operários, iluminando e estando presente às lutas, levando consciência social".

São realizadas reuniões com a participação de um ou dois trabalhadores de cada vila. Durante um dia os padres conversam, dão informações e propõem debates, abordando questões como partidos políticos, sindicatos, constituinte e como funcionam as máquinas do poder.

Segundo Agostinho, há muitos assuntos a serem discutidos pois está faltando informação ao povo e existem poucos líderes na comunidade com uma visão mais ampla. O objetivo é atingir o operário que, em geral, não frequenta a Igreja. O padre acrescenta: "Temos que procurá-lo, ir ao encontro dele, e isto é o grande conflito com a Igreja tradicional. A Igreja das CEBs vai além dos dogmas e vai ao povo. Muitas vezes se abdica, se releva princípios da doutrina para levar realmente à frente o trabalho de libertação".

Para Agostinho, a Pastoral Operária e as propostas das Comunidades são o reflexo da renovação de uma parcela da Igreja que fez a opção pelos pobres. Ele continua afirmando: "Em todos os setores da sociedade existe conflito e na Igreja Católica ele está presente e nós admitimos".

LUTA DE CLASSES

Agostinho Betu, com 39 anos, morou oito em São Paulo onde cursou Teologia e Filosofia. Para ele, além desta situação, existem propostas de análise sociais diferentes, o que ocasiona maior agudeza a este conflito: "É uma questão de análise. Existe uma Igreja que é contra a luta de classes e análise marxista, e outra que considera a análise marxista como ferramenta de compreensão".

Estando na Europa durante seis meses e trabalhando na Vila Nova há quatro anos, Betu afirma que as CEBs no Brasil significam um movimento popular eclesial, não no sentido de uma Igreja alternativa, mas de uma forma mais autêntica do povo de participar da Igreja Católica.

Na Paróquia da Vila Nova o trabalho vem evoluindo, já tendo surgido duas associações de moradores

de bairro. Igreja e Comunidade estão aliadas com o objetivo de mobilizar a população, de buscar formas para solucionar problemas e, conforme Agostinho, não de forma paternalista. O padre diz também que o importante é o movimento de base, "de baixo para cima".

Agostinho ressalta que o povo pede sempre a presença de um padre. Nos encontros do moradores, eles dependem, em muito, do padre oferecer subsídios e acompanhar o debate.

Das muitas vilas que integram a Paróquia da Vila Nova, poucas trabalham sem a presença do padre, sem o estímulo e a orientação. Outras nem se interessam. Agostinho diz: "Cristo realizou um trabalho e teve resultado com o pessoal que topou com a idéia dele, em alguns lugares é difícil o trabalho, eles não topam com as nossas propostas".

MORRO QUENTE

Nesta comunidade já existe uma organização. Eles possuem uma casa para reuniões e todas as quartas-feiras acontecem encontros. Neste mês, estão elaborando um trabalho para o 9º Encontro Arquidiocesano das CEBs através de debates com o acompanhamento dos padres. Este encontro, que é anual, foi realizado dias 28 e 29 de setembro, na Vila Jardim. Com o tema Povo Unido em busca de Igualdade, reuniu cerca de 300 pessoas, sendo um ou dois representantes por comunidade.

POLITICA X CEBs

Para os padres das CEBs, nada se alterou com a Nova República e o Governo só realiza as mudanças às quais não resiste mais, àquelas que o povo mais exige, mas não todas que precisa. Agostinho ressalta: "Temos uma postura crítica com relação aos acontecimentos, eu era muito mais crítico na época dos militares, eu me excedia até nas missas, não perdia tempo".

Com relação aos partidos políticos o padre fala do PT, afirmando que este chega mais perto da linha das CEBs, sendo mais autêntico e menos "pelego". No momento, existe um grupo de pessoas filiadas ao PT que se reúnem na Paróquia.

Apesar das dificuldades, as CEBs estão evoluindo, esta nova Igreja dá o apoio e o espaço que outra instituição não poderia dar, relacionando o ideal religioso à vida prática na busca de saídas.

A umbanda evolui: nada de charutos, cachaça e sangue

Quem chega na Rodoviária de Porto Alegre, vindo do interior, e quer ir ao centro "Cavaleiros de São Jorge", não encontra muita dificuldade. Qualquer motorista de táxi sabe onde ele fica. Na Vicente da Fontoura, a duas quadras da Ipiranga, o prédio pode não chamar a atenção de quem passa pela frente, mas é muito conhecido. Centenas de pessoas vão lá semanalmente, em busca de auxílio para seus conflitos. O Centro tem uma proposta diferente dos demais: quer resgatar a umbanda como era feita em 1908, época em que foi criada.

A umbanda, assim como a religião dos índios, tem nas forças da natureza, como o mar, a mata, o fogo, o ar, o seu motivo. Suas entidades — Iemanjá, Oxossi e Xangô, entre muitas outras — "são ligadas àquelas forças. "Essas entidades são um tanto dogmáticas ou místicas, mas podem ser substituídas", explica Zélio Barrionuevo Martin, defensor da evolução da umbanda, conforme ensinamentos de Dorval Ketzler, o criador da nova filosofia. Zélio é diretor espiritual do Centro "Cavaleiros", matriz de outras 12 casas espalhadas pelo interior do Estado, pelo País e até pelo Exterior.

Quem frequenta o Centro percebe a evolução. "Nós não usamos mais o palavreado caboclo, nem charutos, cachaça ou sangue. Essas coisas são fruto da prostituição da umbanda, usadas por pessoas que fazem dessa filosofia uma maneira de ganhar a vida", acusa o diretor. Nas paredes do Centro e na decoração vêem-se índios, branças, espadas, lanças, pedras, conchas, e um grande painel retratando as entidades, índios, cavaleiros, símbolos. "Tudo é decoração", afirma Zélio. "Não tem outro sentido".

Ele acredita que alguma energia aciona o ser humano, "e não é a comida, pois pode ficar sem comer muitos dias e o coração continua batendo. Ou será que somos o moto contínuo que os cientistas buscam há tanto tempo?", questiona. "Recebemos energia magnética ou estática, através das entidades que procuramos, como o mar ou o ar, e a distribuímos. Depois a energia se recompõe", ensina. O passe, na umbanda, é a transferência dessa energia — que chamam bioenergia — de um médium para uma pessoa que está precisando de auxílio, amenizando, assim, seus conflitos internos.

As pessoas vão ao Centro para tomar passes, que são dados quando as pontas das mãos do médium se dirigem para o corpo da pessoa, transferindo a bioenergia. Mas os

médiums também conversam e dão conselhos, quando a pessoa fala de seus problemas. "Uma palavra de otimismo sempre vem bem, pois com isso podemos mudar a idéia de alguém que estava, por exemplo, com uma arma na mão", diz Zélio Martin.

AS CERIMÔNIAS

Quatro vezes por semana, à noite ou à tarde a partir das 16 horas, os 670 médiums vinculados ao centro se revezam, participando do culto. Quem vai ao centro — pessoas de todas as idades e classes sócio-econômicas — entra pelo saguão e aguarda sentado em bancos de madeira, numa sala separada de outra por uma cortina. Ouve-se sons de tambores e começa a cerimônia. A cortina é aberta e pode-se ver os médiums, uns 30 ou 40, todos de branco, uniformizados, de pé. São dados alguns avisos e após cantadas músicas que falam das entidades. São os pontos-cantados, as orações sonoras. O ambiente é defumado com uma erva aromática que, conforme Zélio, tem apenas o sentido de perfumar o ambiente.

"A mediunização, que acontece a seguir, não é a incorporação de um espírito, como se dizia", explica o diretor. "É um somatório. Quem fala com as pessoas é o médium, não o espírito". No entanto, alguns médiums caem no chão, se contorcem ou vibram o corpo neste momento do culto. "A evolução que tentamos implantar se dá de forma gradativa. Encontramos algumas dificuldades, pois temos que quebrar tabus e conceitos muito fortes". Para que a evolução — criada por Dorval Ketzler e reforçada a cada dia por Zélio — se consolide, em todos os trabalhos do Centro ela é explicada.

Na continuação do culto vem o atendimento às pessoas, que entram no ambiente onde estão os médiums e falam, individualmente, com eles. Algumas escolhem o médium, outras não. Recebem o passe, contam seus problemas, ganham conselhos. Tudo é feito de maneira muito organizada e silenciosa. Um dos médiums encaminha as pessoas para lá e para cá, e pede que não formem filas de mais de três na frente de cada médium. Depois de recebido o passe, a pessoa sai para uma porta lateral e vai embora. A cerimônia é rápida e em pouco tempo estão todos atendidos. Mas e os médiums, não ficam sem energia depois de distribuírem tanta? "No final, é formada uma corrente magnética para fazer uma descarga e repor as energias", garante Zélio.

Marta Gleich

Ademar Tremea e a Igreja de hoje

Ademar Paulo Tremea, 29 anos, formado em Teologia e atuando nas classes populares. Passou sete anos em São Paulo trabalhando com operários, foi assessor da CUT — Central Nacional e participou do núcleo do Partido dos Trabalhadores. Atualmente está em Porto Alegre, com a intenção de continuar seu trabalho junto às bases.

Ademar, como a Igreja está se posicionando perante uma sociedade totalmente estratificada, com grande antagonismo de classes sociais?

■ O ideal religioso e os mandamentos de Jesus nem sempre foram bem interpretados e, assim, a Igreja estava engajada num sistema de poder muito distante da ver-

dadeira ideologia cristã. Mas, na América Latina, após o encontro de bispos em Medellín, ocorreu uma renovação da Igreja e o que é importante é que foi feita a opção pelos pobres. Atualmente a Igreja está do lado dos oprimidos, dos desfavorecidos, são eles que lutam, é a eles que estendemos nosso apoio.

Como se situam as CEBs neste contexto?

■ As CEBs são núcleos de pessoas, seus objetivos são bem definidos, existe primeiro o sentido religioso, depois vem a necessidade de debaterem seus problemas e, por último, surge a consciência político-social.

O que significa esta consciência político-social?

■ E simples, as pessoas discutem o evangelho, tomam conhecimento do verdadeiro ideal cristão, ou seja, verdade, justiça, igualdade, enfim... depois vão analisando sua situação e, então, é lógico que eles se posicionam politicamente.

Este posicionamento político é partidário?

■ Deve-se salientar que a Igreja não faz política partidária e nem as CEBs, no entanto, existe uma coincidência entre a atuação de base e pontos da ideologia de partidos políticos. Existe, muitas vezes, a necessidade de participantes das CEBs de colocarem em prática alguns de seus objetivos e os partidos políticos podem ser canais efetivos. As propostas se encontram

Resumindo o que eu disse: a prática das CEBs e as propostas dos partidos coincidem.

Qual o partido cujos ideais podem se encontrar com interesses das CEBs?

■ O PT é um partido que respeita a atividade de movimentos de base, por isto ocorre, frequentemente, que um participante de uma comunidade milita no PT como um canal efetivo de suas reivindicações.

E o futuro das CEBs?

■ Cada vez mais este tipo de movimento se solidifica, porque o arroxo está cada vez maior, as pessoas buscam soluções e as Comunidades significam uma forma efetiva de união, conscientização e luta.

Como está sendo visto o trabalho das Comunidades Eclesiais de Base pelas demais camadas da sociedade?

■ Algumas pessoas ainda têm um certo preconceito com relação ao trabalho desenvolvido pelas comunidades. Muitas delas dizem que as CEBs são locais onde existe doutrinação política e filosófica. Esta falta de informação sobre o papel desenvolvido pelas CEBs decorre de um boicote dos meios de comunicação, geralmente ligados a uma elite. Contudo, o objetivo é atingir as camadas pobres da população e isto vem sendo conseguido.

Karla Camargo da Silva

Público volta às casas exibidoras de Porto Alegre

Os cinemas estão renascendo. Aqui, como em todo o país, no primeiro semestre deste ano, a frequência de público subiu cerca de 15% em relação ao mesmo período de 1984. As casas exibidoras da nossa cidade estão aperfeiçoando as condições de projeção e sonorização e um novo cinema foi inaugurado: o Auto Cine Eucaliptos.

Nos primeiros seis meses de 85, no Rio de Janeiro, os cinemas que fazem parte do circuito Severiano Ribeiro venderam 60 mil ingressos a mais do que no ano passado, em igual período. Em Porto Alegre há cinemas com renda de um bilhão mensal e com lotação, muitas vezes, completa.

Para Hélio Nascimento, crítico de cinema do Jornal do Comércio, está acontecendo uma reversão de tendência e a causa disso é a melhora na qualidade dos filmes, e também o grande apelo de bilheteria. Na opinião de Nascimento "não há no cinema uma crise e a prova disso é que cinco cinemas — Vitória, Imperial, Cacique, Astor e Baltimore — vão estar com estereofonia até o final do ano, além da abertura do auto cine. São 24 cinemas em Porto Alegre funcionando regularmente com quatro a cinco sessões diárias, há mais de dez anos".

Aproveitando esse retorno do público, cinemas como Baltimore e Studio Center estão promovendo sessões matinais nos domingos e feriados, com as salas lotadas. O mesmo sucesso tem alcançado o cinema da Casa de Cultura Mário Quintana, com sessões às 15h, 17h, 19h e 21h. E os tradicionais cinemas Vitória e Imperial fizeram um grande investimento ao instalar o autêntico sistema "Dolby Stereo", que traz para as salas de projeção o som estereofônico.

AUTO CINE

Mas a grande novidade fica por conta do Auto Cine Eucaliptos, inaugurado em agosto e que se propõe em matéria de atendimento ao público, preenchendo um espaço vazio desde o fechamento do auto cine que funcionou em Ipanema.

O Auto Cine Eucaliptos, com capacidade para 300 automóveis, fica no antigo estádio da rua Silveiro, no Menino Deus e foi alugado do Sport Club Internacional. Junto com ele funcionando o moto cine, para até 300 motos, com sistema de som instalado nas arquibancadas.

João Otávio Ness



Auto cine tem capacidade para 300 carros

Uma pesquisa de mercado indicou aos empresários Valdo Marques e Fernando Ollé a necessidade de um auto cine e também a escolha do local, tanto pela proximidade do centro, como pelo fato de ser a melhor área disponível.

O Auto Cine Eucaliptos é o mais moderno do país. Durante 45 dias foram feitas a drenagem do terreno e a construção da tela, com 16 metros de comprimento, 7 metros de altura e afastada 4 metros do solo. A tela é revestida com material repelente à água: pode chover que a imagem não é prejudicada. A luminosidade é xenon (luz extremamente branca, semelhante a do dia e que é empregada no flash fotográfico) e o som vem de uma estação transmissora FM stereo, dispensando os fios e antenas especiais para os carros. As máquinas são alemãs, com adaptações feitas aqui.

Para Valdo Marques, o retorno do investimento é esperado em seis ou oito meses. Ele considera que o sucesso do empreendimento depende do cinema apresentar bons filmes e do serviço de atendimento.

Junto com este cinema especial funcionam, além do moto cine, uma garagem

com postos de lavagem automática, a Churrascaria Parrillada Las Tablitas e os serviços de atendimento de bar, lancheria, pizzaria e sorveteria, nos carros.

Segundo o empresário Valdo Marques, alguns cinemas têm crise de público: primeiro, existe um nivelamento pela apresentação de bons filmes; segundo, os cinemas precisam oferecer alguma coisa a mais. Ele diz que é possível investir quando tem público, e o público vai quando tem bom espetáculo.

E os primeiros dias do auto cine parecem provar que Marques está certo. A frequência desde sua inauguração tem sido crescente — o auto cine recebe mais de 200 carros por dia. O horário normal das sessões é 20h15min e 22h15min e para filmes de longa-metragem, como no caso de Duna, passa a ser 20h e 22h30min. Aos sábados, acontecem as sessões da meia-noite.

A programação vem da United International Pictures e se destina a todo tipo de público. Depois de Duna, serão apresentados, até o final do ano, o filme musical Footloose, seguido de Conan II, Jornada nas Estrelas III e 2010 — O Ano em que Faremos Contato.

Carmen Lucia Ferreira da Silva

Vale-Transporte: esta é a saída?

Após a Lei Werner Becker, que transfere o poder de decisão sobre os valores das tarifas do transporte coletivo urbano para a Câmara Municipal de Porto Alegre, os usuários ter-ão, agora, oportunidade de discutir mais duas alternativas: a do vale-transporte ou a de subsídios.

"Embora possa ser um benefício para uma parte da população, o vale-transporte não o é para o conjunto da sociedade, pois não representa uma melhor distribuição das riquezas". A opinião é de Carlos Franck, presidente da Federação Riograndense de Associações Comunitárias e de Amigos de Bairros (FRACAB), para quem a contrapartida oferecida aos empresários no desconto do imposto de renda é nociva, já que baixa a arrecadação geral da Nação, diminuindo as hoje tão escassas inversões sociais por parte do Estado.

"Ao serem repassados ao valor final do produto", acrescenta, "os gastos com o vale-transporte criam um ônus social maior, fazendo com que a realidade recala sobre os ombros dos assalariados".

O líder comunitário argumenta também que o vale-transporte não beneficia os usuários como um todo, mas apenas uma faixa que não chega a 20%, ficando fora dela os setores menos favorecidos, como os desempregados, aposentados, pensionistas, autônomos, donas-de-casa e estudantes, além dos integrantes da chamada relação informal de produção.



Transporte coletivo: Estado deve fazer controle efetivo

Em razão disso, a proposta que hoje parte do movimento comunitário tende no sentido das medidas sociais que venham beneficiar toda a sociedade, de maneira não discriminatória. Os comunitaristas consideram que o uso do transporte coletivo urbano não se dá por um processo de escolha, senão por necessidade e, antes de ser pessoal, é próprio do processo produtivo em sociedade.

Com esta argumentação, Carlos Franck considera justa a existência de um valor único de tarifa, a partir de uma melhor distribuição das riquezas. "Para tanto", diz, "é necessário que todos aqueles que, dentro do processo de produção da sociedade, se beneficiam com o transporte coletivo urbano, venham a ter uma tributação específica sobre suas riquezas". Isto, para ele, deve ocorrer de tal forma que a tributação venha garantir o subsídio ao transporte coletivo urbano e, com isso, tarifas mais baixas para toda a sociedade.

"Atualmente", avalia o presidente da FRACAB, "os setores que mais se beneficiam com o transporte coletivo urbano são os empregadores, tanto do campo quanto da cidade".

SUBSÍDIOS

A proposta da FRACAB para o subsídio ao transporte coletivo urbano propõe, inicialmente, a mudança da legislação autoritária atual para uma legislação democrática, que defina o transporte co-

letivo urbano como prestação de serviço público indispensável ao processo produtivo em sociedade. Portanto, de responsabilidade do Estado e com a participação dos trabalhadores, através de entidades representativas no seu controle.

Os recursos arrecadados pela União, no entendimento de Franck, devem ser repassados aos Estados e Municípios. O repasse às empresas de transporte coletivo urbano se daria através do poder público local, ou seja, das prefeituras. "Para isso", afirma, "as prefeituras teriam um grande controle sobre as empresas, para definir tanto custos quanto número de assalariados transportados, a fim de poderem definir quanto caberia a cada empresa como quota de subsídio".

Também faz parte da proposta da FRACAB e do movimento comunitário gaúcho para o subsídio do transporte coletivo a tributação de uma porcentagem a todos que acumulam riquezas; tributação, de maneira crescente, a todos os vazios urbanos e áreas de especulação imobiliária; manutenção de preços diferenciados do mercado por parte dos fabricantes de peças, acessórios, pneus, câmaras, lubrificantes e óleo diesel; destinação da parte da taxa hoje existente sobre o valor da gasolina para o subsídio ao transporte coletivo; valor único de tarifa, garantias as conexões do local de trabalho à moradia; isenção de tarifas para os desempregados; e valor específico de tarifas para os estudantes.

Luis Carlos Carpin

Decretada falência da Caldas Júnior

João Otávio Ness



Emergência para sobreviver

Guaíba muda para enfrentar crise

A TV Guaíba tem enfrentado grave crise financeira que reduziu sua programação diária e praticamente acabou com a produção local. Em agosto, 70% do seu capital foi vendido a um grupo de empresários e jornalistas e, agora, a emissora pretende renovar a atual programação, sacudindo o marasmo em que se encontra a televisão gaúcha.

O jornalista Sérgio Jockymann afirma que quando assumiu a direção da TV a situação era desanimadora: a perda de anunciantes era cada vez maior, os salários dos funcionários continuavam atrasados e os programas produzidos pela equipe da emissora eram precários. Em maio de 84, a direção foi obrigada a montar um esquema de emergência, utilizando novelas da TV Cultura de São Paulo: "Mas as novelas não funcionaram aqui no sul".

A compra dos programas da Abril Vídeo foi feita através de contrato operacional para que a metade dos lucros com anunciantes ficasse com a Abril e o restante com a TV Guaíba. Assim, programas como o Olho Mágico, Criação e Realidade continuarão a ser exibidos, apesar dos boatos em contrário, que circulam pelas emissoras concorrentes.

NOVA PROGRAMAÇÃO

Jockymann explica que o mês de outubro será usado para estruturar o funcionamento da emissora e negociar os salários atrasados com os funcionários. A partir de novembro, entra a nova programação, que pretende ter 85% de programas locais.

Já está em andamento a compra de 52 filmes inéditos em Porto Alegre; a estréia do programa musical Blizz, da Abril Vídeo; além da organização de festivais de filmes apresentados de dois em dois meses. Há também a possibilidade de trazer séries européias, para exibição após o Guaíba Notícias. Na parte local, entra o programa Rio Grande do Sul um noticiário, realizado durante o período de verão, nas praias gaúchas.

A experiência com o Guaíba Feminina, que está sendo apresentada à tarde, parece ter dado certo e será mantida.

Para Sérgio Jockymann o mais trabalhoso tem sido a reorganização da TV, pois os funcionários estão habituados com os vícios das administrações anteriores. Um exemplo: quando foi inaugurada, a Guaíba possuía o triplo de funcionários necessários ao seu funcionamento e manteve esse número excessivo até o auge da crise em agosto de 1984. Segundo Jockymann, o grande erro dos que implantaram a TV Guaíba foi tentar criar uma espécie de "Globinho" no sul do país, com padrões totalmente fora da realidade do Estado. "Isso era impossível", afirma ele, pois não contávamos com capital estrangeiro e com o apoio de setores do governo de que a Globo dispunha.

Distribuidor denuncia

A programação da TV Guaíba já encontra críticos antes mesmo de ter sido totalmente implantada. O jornal Gazeta Mercantil publicou dia 25 de setembro matéria em que o gerente regional de Warner-Columbia, Roberto Potlécia, denunciava a exibição de filmes inéditos na televisão brasileira sem o pagamento dos direitos à distribuidora.

Segundo Potlécia, a Guaíba encerrou seus contratos com as distribuidoras de filmes internacionais no Brasil e não os renovou. Agora, afirma ele, a emissora está burlando os direitos autorais das distribuidoras e a própria Censura Federal, ao exibir filmes em videocassete que não possuem visto de censura.

Para resolver a situação, as distribuidoras vão reunir provas para entrar em processo contra a Guaíba junto à Associação Brasileira Cinematográfica, do Rio de Janeiro.

A mesma matéria dizia que Sérgio Jockymann evitara falar sobre o assunto à reportagem do jornal.

Mas enquanto esquentam as focas nos bastidores locais, aproveitem para conferir os filmes de fim de noite da Guaíba, especialmente os de domingo. Já foram exibidos "Viagens Alucinantes, de Ken Russel e "Gilda", de Charles Vidor.

"As agências de publicidade resistem mais do que deviam à TV Guaíba", na opinião de Sérgio Jockymann. Ele garante que até agora tem havido mais colaboração das agências de fora do Estado e que falta aos empresários de propaganda uma visão real do que acontece com a comunicação na televisão gaúcha. As redes de TV arrancam cerca de 15 bilhões por mês aqui no sul e este dinheiro valdar emprego no Rio e em São Paulo. Em resumo, os empresários financiam a própria ruína no momento em que diminuem os espaços de anúncios nas emissoras locais.

Por outro lado, a rede que monopoliza a comunicação no Rio Grande do Sul, tem estabelecido diversos troféus que distribui ao empresariado gaúcho, como forma de garantir maior número de anúncios em seus veículos de comunicação.

Mas a atual fase da TV Guaíba confirma que o público procura outras opções no vídeo. A programação dos sábados, centrada no público jovem tem atraído audiência significativa.

A produção local, que deve ganhar novo impulso a partir de novembro, pretende aproveitar mais os profissionais gaúchos. Jockymann acredita que devemos deixar de lado aquele hábito de importar talentos do Rio e São Paulo. Para ele já é hora de criarmos nossos próprios técnicos e produtores.

Por outro lado, salienta que o Rio Grande do Sul tem Faculdades de Jornalismo em excesso: "Temos uma média de 250 novos jornalistas a cada ano. Não existe mercado de trabalho para todo este pessoal". Além disso, o trabalho junto à imprensa tende a diminuir, pois os jornais estão ficando obsoletos. As manchetes dos jornais diários, em sua maioria, já foram amplamente noticiadas na noite anterior pela televisão, que é um meio de comunicação mais imediato. Também os custos de impressão estão muito altos e o papel está acabando.

Para Sérgio Jockymann a tendência dentro da imprensa escrita é a manutenção de jornais quinzenais, ou mensais. Tais veículos fariam uma análise mais detalhada dos fatos noticiados pela televisão.

Ânia Chala

Sem circular desde junho do ano passado, o Correio do Povo está definitivamente fechado.

Ação trabalhista, não paga, encerra atividades da EJCJ.

O 2º Juizado da Vara de Falências e Concordatas da Capital decretou a falência da Empresa Jornalística Caldas Júnior. O fato ocorreu no dia 30 de setembro, a pedido do ex-funcionário Otildo Castilho Filho, que transformou em título executivo um crédito trabalhista de Cr\$ 3.380.000.

Um dia antes deste episódio, os jornais ainda faziam especulações quanto ao futuro do tradicional grupo gaúcho. O leilão do prédio central da EJCJ, avaliado em Cr\$ 19 bilhões, que se efetivaria ou não no dia 11 de outubro, seria o marco importante em qualquer definição.

Todavia, as expectativas não se encerram com a decretação da falência, uma vez que novos fatos entram em cena. A novidade agora refere-se principalmente à TV Guaíba, cujo controle foi assumido por um grupo encabeçado pelo advogado canoense Sérgio Moraes. Segundo o advogado dos empregados da empresa, Luiz Heron Araújo, existe um "grupo misterioso", integrado pelo deputado Jorge Uequet (PMDB), que vem praticamente despachando num gabinete que passou a ocupar no prédio da TV, no Morro Santa Tereza. De acordo com declarações desse parlamentar, "a comunidade gaúcha não deve permitir que o prédio central da EJCJ vá a leilão". Isto de certa forma confirma a hipótese de que há realmente um grupo interessado em promover o retorno do Correio do Povo à circulação, até março de 1986.

MERO COLABORADOR

O deputado federal Jorge Uequet, que tem base eleitoral em Canoas, ainda se mantém reticente em suas declarações. Dizendo-se mero colaborador do grupo, ele afirma contudo que existem vários políticos e empresários decididos a levantar o jornal.

O parlamentar deixa claro que o grupo interessado em reerguer o jornal não é o mesmo que já está trabalhando na TV. Porém, confirma a presença de empresários e políticos.

Jorge Uequet está conflante no trabalho do grupo que pretende recuperar a Caldas Júnior. "O Rio Grande", diz, "reclama o espaço do Correio do Povo. É um espaço que não foi preenchido, no mercado de informações, no estilo de informação e no mercado de trabalho".

Existe ainda uma dúvida em relação aos salários, tanto dos funcionários da TV quanto dos que trabalhavam no Correio do Povo. Entre os profissionais, circula a informação de que alguns dos que ingressaram na Justiça do Trabalho estariam sendo chamados para fazer um acordo.

FUNCIONÁRIOS PREJUDICADOS

Os maiores prejudicados, praticamente, foram os funcionários da EJCJ. Como afirma Luiz Heron Araújo, advogado trabalhista, "ao decidir na virada de um trimestre a falência da empresa, a Vara de Falências e Concordatas reduziu em aproximadamente 40% os créditos trabalhistas e fez uso de um instituto que se constitui num dos maiores absurdos contra a classe trabalhadora, que fica sem a correção dos salários correspondentes a anos de muito suor e esforço".

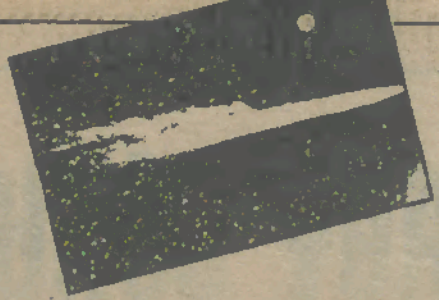
Para Luiz Heron existe outro detalhe que contribui para tornar providencial a data da decretação da falência: o fato de ser véspera do aniversário da Caldas Júnior, que completaria 90 anos. "Parece", diz o advogado, "que querem dar um toque sentimental na decretação da falência, como se o povo do Rio Grande do Sul fosse o responsável pelo que aconteceu com a empresa, quando se sabe que esta situação foi gerada pela incapacidade administrativa de uma família que não soube gerir seus negócios".

IRONIA

Por mais irônico ou curioso que possa parecer, a Empresa Jornalística Caldas Júnior foi fechada pelo porteiro Otildo Castilho Filho, que iniciou seu processo contra o grupo em 21 de novembro de 1984.

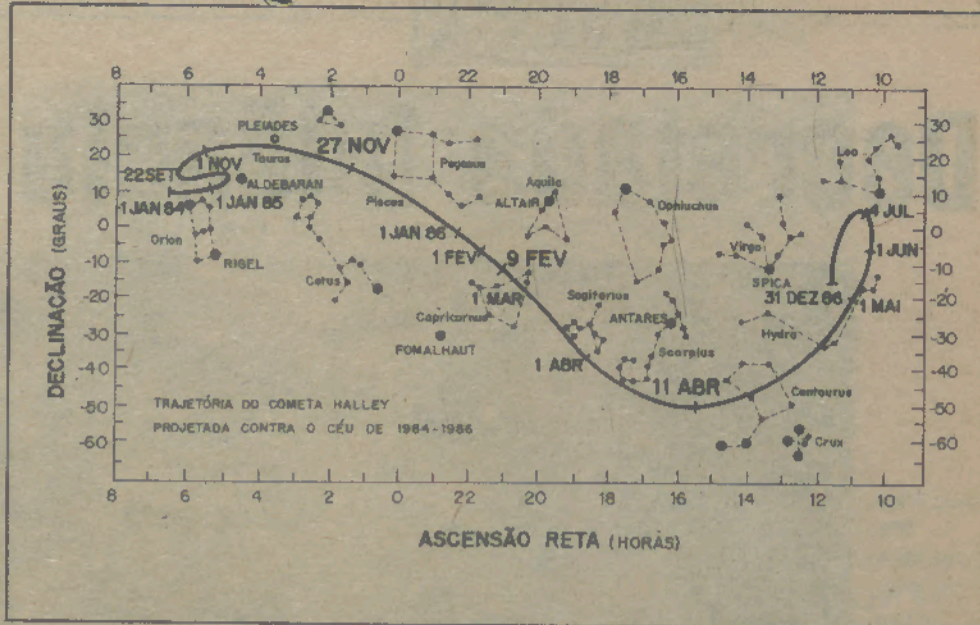
Desde julho daquele ano, Otildo vinha recebendo apenas vales por conta de salários. O recolhimento do Fundo de Garantia não era feito há mais de três anos e ainda deveria receber um período de férias, o 13º salário e outros direitos, tudo somando a importância de Cr\$ 3.380.000. O crédito trabalhista foi transformado em título executivo. O não pagamento do valor fez com que o porteiro pedisse a falência da empresa.

Luís Carlos Carpin



Posição do céu onde
pode ser visto
o cometa Halley entre
fevereiro e abril

Cometa Halley pode ser visto a partir do mês que vem



Entre novembro de 1985 e maio de 1986 o Cometa Halley estará realizando sua 28ª aparição registrada historicamente. Ele poderá ser visto a partir de qualquer ponto de nosso planeta, mas de forma mais favorável por observadores situados no hemisfério sul. E um dos observatórios que estará estudando e pesquisando o cometa, é o da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Seu diretor, o astrônomo Kepler de Souza Oliveira Filho, diz que a UFRGS participará do International Halley Watch (IHW), criado em 1982 — uma comissão de cientistas internacionais encarregados de observar o Halley — nessa sua nova passagem sobre a terra.

Por volta de 1059 anos A. C., os chineses observaram o aparecimento de um objeto luminoso no céu, imenso e com uma grande cauda. Em 1682 D. C., esse mesmo cometa passou pelas proximidades da terra e foi visto por vários astrônomos que não lhe deram maior importância. Somente vinte anos depois, o inglês Edmond Halley, que havia observado o cometa em 1682, desenvolveu estudos e verificou que outros elementos da órbita dos cometas que haviam passado em 1531, 1607 e 1682 eram muito parecidos, e portanto deviam pertencer ao mesmo cometa — isto é, o astro seria periódico. Previu então que ele retornaria em fins de 1758, o que realmente aconteceu. Por reconhecimento ao trabalho efetuado por Halley, o cometa — que admite-se hoje já ter percorrido a presente órbita mais de 65 vezes e deverá ser visto por mais algumas dezenas de milhares de anos — recebeu seu nome.

“Os cometas são corpos celestes de aparência difusa provenientes do espaço que passam pelas proximidades do sol”, diz Kepler, “tem um núcleo que se supõe ser um aglomerado de rochas, coberto por um manto de moléculas congeladas. Possui uma cabeleira que envolve o núcleo composta de gás e partículas de pó e a cauda é uma faixa brilhante formada por pequenos fragmentos e gases expulsos da cabeleira”.

A medida que o cometa se aproxima do sol, sua aparência muda e é difícil prever seu comportamento. Por isso sua passagem pela terra sempre foi cercada de previsões de calamidades. Em 1910, muitos acreditavam que seriam envenenados pelos gases despreendidos de sua cauda, o

que cientificamente é impossível, pois a própria atmosfera funciona como um escudo protetor que impede o ingresso de qualquer material.

De acordo com Kepler, o Cometa Halley pode ser observado tanto a olho nu, de binóculo ou com um pequeno telescópio. Qualquer que seja a técnica utilizada para a observação, sempre que se sair de um ambiente iluminado, deve-se esperar pelo menos de 5 a 10 minutos para acostumar os olhos a escuridão. Com relação ao movimento do cometa, não é preciso se preocupar, já que sua posição no céu mudará muito pouco de uma noite para a outra.

OBSERVATÓRIOS

A UFRGS possui dois observatórios astronômicos, o primeiro no Morro Santana, com um telescópio de 50cm de diâmetro que não está aberto ao público e só funciona à noite para fins de estudos e pesquisas de profissionais e alunos de pós-graduação em astronomia. O astrônomo é formado em Física e depois faz um curso de pós-graduação.

O outro observatório fica no Campus Central, ao lado do prédio da Engenharia, possui um telescópio de 19cm e está aberto ao público. As visitas podem ser feitas às quartas-feiras, a partir das 20 horas. Em novembro, o Halley já pode ser observado neste observatório.

O observatório astronômico da Universidade Federal do Rio Grande do Sul participará do IHW através de um programa coordenado pela Sociedade Astronômica Brasileira para todos os astrônomos do Brasil. O observatório

da UFRGS vai observar o Halley através de um fotômetro fotoelétrico acoplado ao telescópio de 50cm de diâmetro, com a finalidade de estudar sua variação, que depende da distância do cometa em relação ao sol.

A ROTA DO HALLEY

A partir de 15 de outubro o Halley já pode ser observado através de telescópios de 50cm de diâmetro, como o do observatório da UFRGS.

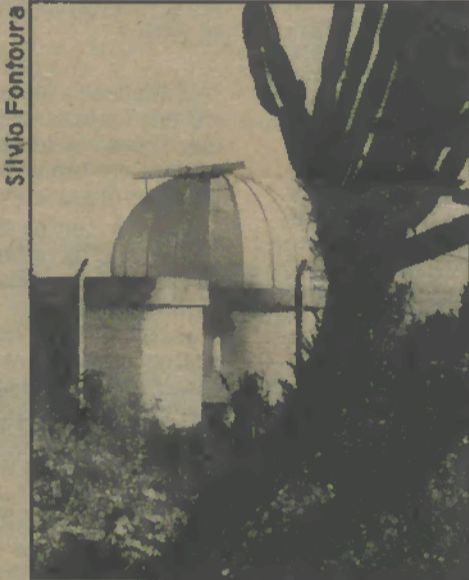
De 15/12 a 15/3 o cometa passará muito próximo do sol sendo ofuscado, por isso não será muito fácil observá-lo neste período.

De 15/3 a 20/7 é o melhor período para estudar as alterações da composição química do cometa devido a variações (evaporação do gelo) provocadas por sua aproximação ao sol. “A 11 de abril de 1986 o cometa passará a 63 milhões de quilômetros da Terra, que será a menor distância que nos separará dele. O astro estará com o seu brilho máximo e mostrará a maior extensão de sua cauda nessa ocasião”, completa o astrônomo.

O cometa Halley já foi fotografado este ano no Brasil. Foi no dia 24 de agosto, em Brazópolis, Sul de Minas Gerais, onde está instalado o Laboratório Nacional de Astrofísica.

Os interessados em aprofundar seus conhecimentos sobre cometas podem recorrer aos cursos que o professor Kepler está dando desde o ano passado, no Planetário. O próximo curso se repetirá em novembro, enfocando desde definição de cometa até a participação do Brasil, e do resto do mundo, na observação deste tipo de corpo celeste.

Ana Cláudia Casimiro



Silvio Fontoura

Observatório da Ufrgs

Porto Alegre terá bebê de proveta

A partir de 1986 Porto Alegre poderá ter o seu primeiro bebê de proveta. A informação é do médico Arnaldo Ferrari, professor de Ginecologia e Obstetrícia da Faculdade de Medicina da UFRGS e diretor da Fundação Universitária de Endocrinologia e Fertilidade (FUEF), onde dentro de dois meses começarão a isolar o óvulo e o espermatozóide “in vitro”.

O projeto está em fase de montagem, tendo sido construído um anexo ao prédio da FUEF com laboratório especial e uma sala esterilizada onde a paciente ficará por um dia para receber o óvulo fecundado. A estufa para manter o embrião em temperatura estável e materiais como frascos e microscópio invertido tiveram que ser importados, porque, segundo Ferrari, não existem no Brasil, e já se encontram no aeroporto do Rio de Janeiro prontos para serem remetidos a Porto Alegre.

Esta experiência começou a ser desenvolvida em 1979, quando a FUEF enviou profissionais da área para es-

tágio no General Free Hospital, da Inglaterra. “Mas a recessão nos deixou parados, pois trabalhamos sem nenhum incentivo financeiro, e tivemos que mandar buscar o pessoal”, explica Ferrari. A partir daí começaram a isolar embriões de camundongos, mas não deu certo porque a estufa não tinha temperatura estável, o que fez os trabalhos pararem novamente.

Com a importação do material adequado e o término da construção do laboratório, Arnaldo Ferrari acredita que as experiências possam começar logo, pois profissionais competentes existem. “O que dificulta um pouco a viabilidade do projeto é a escassez de recursos financeiros, sendo que o custo total de uma pesquisa deste porte é bastante alto e tudo corre por conta da Fundação”. Segundo ele, a paciente não pagará nada, porque só passarão a cobrar “a partir do momento que obtiverem resultados”.

Pessoas dispostas a participar da experiência é o que não faltam pois 20 candidatas já estão inscritas esperando o momento de serem chamadas.



Adão Roza

No que se relaciona à solução de problemas de esterilidade, a FUEF realiza trabalhos de inseminação artificial, com banco de sêmen próprio e métodos diversos para tratamento de casais estéreis, fazendo diagnósticos de ovulação e usando um novo instrumento, a gânuia de penetração espermática, que é usada para saber com que velocidade caminha o espermatozóide e se o sêmen é apto ou não para que ocorra a fecundação.

A Fundação Universitária de Endocrinologia e Fertilidade foi criada em 1967, por Arnaldo Ferrari, “com o objetivo primordial de desenvolver pesquisas na área de reprodução humana e dar assistência à comunidade, sem fins lucrativos”. Possui 13 consultórios equipados com mesa ginecológica e microscópio e 40 pessoas trabalhando, entre médicos ginecologistas, urologistas, biólogos, bioquímicos, psicólogos e estagiários da Faculdade de Medicina, que atendem uma média de 30.000 pacientes por ano.

Carli Rodrigues